

1890

Cruzeiro do Sul



Sérgio Laux

Classificação RHM

O MODELO CRUZEIRO DO SUL COM LEGENDA "BRAZIL"

Histórico do Modelo "Brazil"



Em meados de 1889, durante o **último ano da Monarquia**, a Casa da Moeda, sob a direção de *Dr. Bento José Ribeiro Sobragy*, encomendou ao gravador *Antônio Pinto Monteiro Coimbra* um novo desenho para o selo postal. O desenho, concluído em 13 de julho, aproveitava o motivo do **Cruzeiro do Sul** já usado em 1887, mas o enquadrava em uma elipse com 20 estrelas e incluía a legenda **"Brazil"**. Durante a conclusão da gravação, o *Dr. Sobragy* foi substituído interinamente pelo *Dr. Antônio Ennes de Souza*.

Devido às constantes críticas sobre a baixa fixidez das tintas dos selos em circulação, o *Dr. Ennes* determinou o uso de tintas mais fixas e enviou provas de cores para a aprovação dos Correios, incluindo o selo de 1.000 réis em amarelo. As novas cores foram aprovadas e, em 30 de agosto, a **Casa da Moeda** solicitou o anúncio da emissão. Paralelamente, em 2 de setembro, a chapa de 100 selos de 100 réis do novo modelo "Cruzeiro Brazil" ficou pronta. Contudo, devido à turbulência política que culminou com a **Proclamação da República** em 15 de novembro de 1889, os selos do Império continuaram em curso e a chapa "Cruzeiro Brazil" permaneceu sem uso regular.



300rs do Império

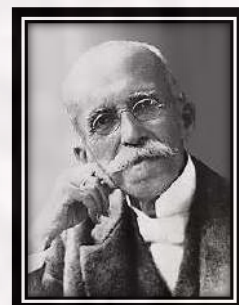
Estabeleceu-se uma controvérsia filatélica sobre se as medidas administrativas visavam *apenas mudar as cores dos selos em curso* ou se *pretendiam uma emissão de selos com novas cores e o novo desenho "Cruzeiro Brazil"*. As sucessivas mudanças na Diretoria da Casa da Moeda e a ambiguidade dos ofícios conhecidos **impedem** conclusões irrefutáveis.



Casa da Moeda do Brasil, séc. XIX



Após a Proclamação da República, o Ministro da Fazenda, *Ruy Barbosa*, foi notificado pelo Diretor Interino, *Lassance Cunha*, sobre os emblemas imperiais nos selos e a demora na confecção de novas chapas. *Lassance Cunha* propôs continuar a estampagem dos selos em uso e adotar o **modelo Cruzeiro** como **tipo geral** para selos postais e estampilhas do Tesouro, com **valores diferenciados por cor**. *Ruy Barbosa* aprovou a continuidade da estampagem dos selos antigos e a adoção do modelo Cruzeiro como novo tipo geral, determinando que a legenda fosse **alterada** para se adequar ao novo regime republicano.



Ruy Barbosa

Classificação do Modelo "Brazil"

Laux refuta a classificação de "selo não emitido", pois não houve **edital** de circulação e o desenho **não foi oficialmente aprovado pelo Correio** (o departamento competente). De acordo com os regulamentos da época, uma peça **não tem valor postal** sem o reconhecimento do Correio. Porém, estão classificados dessa forma (*não emitidos*), no catálogo **RHM**.

As impressões da taxa de 100 réis com legenda "Brasil" (em malva, verde, azul etc.) em diferentes suportes (cunho, chapa, papel vergê, cartolina) são conhecidas. Apenas as peças em **papel vergê** devem ser consideradas **ensaios**, pois representam a **época** em que a emissão era cogitada. As demais peças, como aquelas em **papel espesso com denteado 11**, são consideradas **reimpressões**, sendo uma delas comprovadamente feita em 1911.



O selo não emitido RHM 72 C com "BRAZIL" e 20 estrelas



Estampilha do Tesouro



A **Constelação do Cruzeiro do Sul**, também chamada de "Crux", é uma das 88 constelações reconhecidas pela UAI = União Astronômica Internacional que, mesmo sendo pequena, é **importantíssima** para os habitantes do hemisfério sul do nosso planeta.

O seu braço principal, formado por duas estrelas de primeira grandeza (Rubideia e Magalhães), serve para indicar o Polo Sul e foi registrada já em 1500 pelo astrônomo da esquadra de Pedro Álvares Cabral chamado João de Faras.

CRUZEIROS

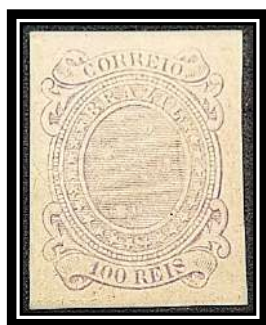
Não Emitidos



72 C – 100rs lilás
(denteação 13)



72 D – 100rs lilás
(denteação 11)



72 E SDD –
Sem Denteação



72 E SDD – Sem Denteação
Par



72 E SDD – Sem Denteação
Quadra

O MODELO CRUZEIRO DO SUL COM LEGENDA E. U. DO BRAZIL

Histórico do Modelo E. U. do Brazil

Após a aprovação do modelo Cruzeiro do Sul por *Ruy Barbosa* em 21 de novembro de 1889, o Diretor Interino *Lassance Cunha*, em 25 de novembro, ordenou o preparo das chapas, com a determinação específica de alterar a legenda de "Brazil" para "**E. U. do Brazil**", em conformidade com a *nova designação nacional*, extinguindo assim o modelo anterior.

Contudo, o *Dr.*, ao reassumir a direção interina, observou que o desenho mantinha apenas 20 estrelas, o que estava incorreto para o regime republicano; o decreto de 19 de novembro exigia **21 estrelas** (20 Estados mais o Distrito Federal/Município Neutro). O *Dr. Ennes* corrigiu o desenho, adicionando uma estrela, e remeteu-o ao Correio Geral e ao Ministério da Fazenda para aprovação, o que ocorreu prontamente.

Em 18 de dezembro de 1889, a Diretoria Geral dos Correios preparou o edital, publicado em 21 de dezembro, anunciando que os novos selos seriam postos em circulação a partir de 20 de janeiro de 1890, detalhando o desenho final (moldura oval com 21 estrelas, lendo-se "E. U. do Brazil" e "Correio"), as cores para os selos ordinários, bem como os selos especiais para *jornais* e os de *taxa devida*, definindo assim o *padrão da primeira edição republicana*.



Histórico de Emissão, Quantidades e Raridade do Padrão Cruzeiro (1890-1915)

O edital oficial fixava a **data** de emissão do Padrão Cruzeiro como **20 de janeiro de 1890**, mas esta data não foi observada na realidade, pois nenhum selo havia sequer dado entrada na Tesouraria dos Correios. Os selos são das seguintes **cores**: 20rs verde Paris, 50rs verde azeitona, 100rs carmim, 200rs roxo, 300rs azul escuro, 500rs cor de barro, 700rs violeta e 1.000rs amarelo; a cor da taxa de 700 réis, foi simplesmente mudada. Com efeito, enquanto o edital especifica esta taxa como tendo a cor violeta, na realidade os selos foram impressos na cor *castanho-avermelhada*.

O primeiro valor a dar entrada e ser imediatamente lançado em circulação foi o de **100 réis (gravado)**, que chegou ao Correio em **31 de janeiro de 1890** e possui a obliteração mais antiga conhecida em **01 de fevereiro de 1890**. As demais taxas, no entanto, demoraram a circular (particularmente as de 200 e 700 réis), pois os estoques de selos do Império continuaram a ser vendidos ao público até **15 de junho de 1894**. A taxa de **700 réis**, por exemplo, ficou retida no Correio (Entrada: 10.12.91) por mais de 2 anos, passando a circular apenas em **10 de março de 1894**. Outras datas importantes de entrada no Correio e da obliteração mais antiga são: **20 réis** (11.02.90 / 23.04.90), **50 réis** (29.05.90 / 06.10.90), **200 réis** (01.03.90 / 22.03.90), **300 réis** (11.02.90 / 16.04.90), **500 réis** (09.12.91 / 15.09.92), **1000 réis** (19.08.91 / 23.10.91), e o **100 réis tipografado** (obliteração mais antiga: 18.06.92).

As quantidades exatas emitidas do Padrão Cruzeiro do Sul são desconhecidas. O levantamento é particularmente difícil para a taxa de **100 réis**, pois o selo gravado, o tipografado de mesmo desenho e o selo "Tintureiro" foram postos em circulação em um curto espaço de tempo. Confrontando os dados de *D. Guatemozim* (quantidades **Entregues** ao Correio de 1890 a 1894) com as quantidades **Encomendadas** à Casa da Moeda (de 10.11.90 a 12.93), verifica-se uma acentuada concordância. As quantidades entregues foram: **20 réis** (8.240.000), **50 réis** (5.630.000), **100 réis gravado** (4.570.000), **100 réis tipografado** (14.700.000), **200 réis** (9.550.000), **300 réis** (3.030.000), **500 réis** (900.000), **700 réis** (700.000) e **1000 réis** (1.350.000). As cifras de *D. Guatemozim* são consideradas as que mais se aproximam da realidade.



100rs Tipografado (RHM 78)

Para comparar a raridade, é fundamental subtrair os estoques que foram sobrecarregados em 1899. Dos **700.000** selos de **700 réis** entregues, **264.000** foram sobrecarregados, restando apenas **436.000** no padrão Cruzeiro. Por outro lado, dos **14.700.000** selos de **100 réis tipografado** entregues, nenhum foi sobrecarregado. Assim, a ordem de raridade crescente dos selos que permaneceram sem sobrecarga é: **100 réis tipografado** (14.700.000 remanescentes) → **200 réis** (9.466.000) → **20 réis** (8.115.000) → **50 réis** (5.319.000) → **100 réis gravado** (4.570.000) → **300 réis** (2.855.500) → **500 réis** (633.700) → **1000 réis** (635.500) → **700 réis** (436.000).

O selo de **100 réis gravado**, primeiro a circular, teve vida curta, sendo logo substituído pelo selo tipografado de mesmo desenho e, no ano seguinte, pelo **100 réis "Tintureiro"** (com outro desenho). A política de mudança de padrão continuou: um ofício de **19 de dezembro de 1892** propôs novos modelos, dos quais apenas a taxa de **100 réis "Cabecinha"** foi emitida. Desta forma, entre o Padrão Cruzeiro e o padrão sucessivo de **1894** ("Madrugada Republicana, República e Comércio"), apareceram mais três selos ordinários (Cruzeiro tipografado, Tintureiro e Cabecinha). Finalmente, os selos do Padrão Cruzeiro só tiveram sua circulação suspensa **25 anos** após seu aparecimento, conforme edital de **11 de outubro de 1915**.

CRUZEIROS

1890/1894

Denteação 13-14 – Papéis Diversos



70 – 20rs
verde azulado
(20-01-1890)
Tiragem: 14.625.000



71 – 50rs
verde cinza
(20-01-1890)
Tiragem: 7.820.000



72 – 100rs
lilás
(20-01-1890)
Tiragem: 6.000.000



73 – 200rs
violeta
(20-01-1890)
Tiragem: 11.816.000



74 – 300rs
azul da Prússia
(20-01-1890)
Tiragem: 24.055.000



75 – 500rs
cinza oliva
(1892)
Tiragem: 6.137.000



76 – 700rs
castanho avermelhado
(1894)
Tiragem: 736.000



77 – 1.000rs
castanho amarelado
(1892)
Tiragem: 635.500

AS MATRIZES DO VALOR DE 100 RÉIS

Para a taxa de 100 réis foram preparadas 2 matrizes, que se distinguem conforme a seguir se descreve.

Matriz I

- a - **Falta** o tracejado no filete superior à esquerda.
- b - O “E” de E.U. do Brazil é **aberto**.
- c - Os algarismos do valor são mais **finos** e a haste oblíqua do “1” é **mais comprida e mais afastada** do corpo vertical do algarismo. Este é o tipo I dos catálogos.

Matriz II

- a - O filete superior à esquerda é fechado com **tracejado**.
- b - O “E” de E.U. do Brazil é **fechado**.
- c - O algarismo “1” é **menor** do que os dois zeros. Este é o tipo III dos catálogos.

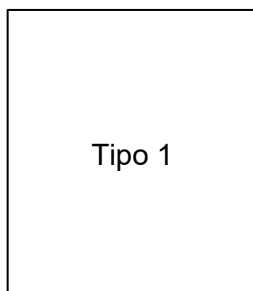
Quanto ao tipo II dos catálogos, se distingue do tipo I pelo fato de ter os algarismos, principalmente o corpo do 1 mais **cheios**, a haste oblíqua do mesmo algarismo mais **curta** e a base do 1 **menor**.

Não obstante, para este tipo II *não se consegue determinar diferenças características* quando comparado com o tipo I.

O que se verifica é que este tipo II tem todas as suas linhas levemente mais **espessas**, notadamente as **verticais**. Esta maior espessura nas linhas do desenho confere um aspecto diferente ao algarismo 1, fazendo parecer que sua base é **menor** e que a haste oblíqua é mais **curta**.

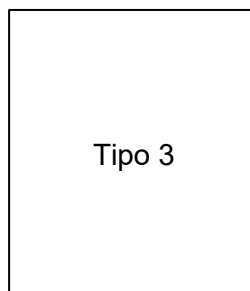
Matriz I - filete aberto

Matrize I - Offener Streifen



Matriz II - filete tracejado

Matrize II - gestrichelter Streifen



É possível que a diferença entre o tipo I e o chamado tipo II provenha da **natureza diversa do material** usado para as chapas (*cobre e aço*). Por outro lado, o tipo III foi produzido a partir de uma matriz **nova** com as **diferenças** de gravura já assinaladas.

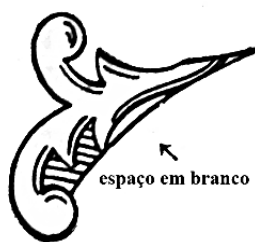
OS SUBTIPOS DO 100 RÉIS

Geometria

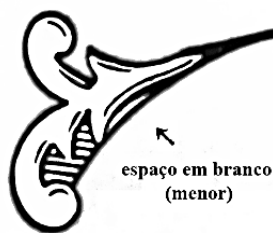
Segundo a publicação de 1926 denominado *Kohl-Briefmarken Handbuch*, conhecido como **Manual Kohl**, o selo de 100 réis foi impresso em **diversas chapas** (supostamente 8), sendo parte em chapas gravadas em aço e parte em chapas gravadas em cobre. Ao que tudo indica, essas gravações foram utilizadas desde o início e produziram **três tipos distintos** de selos de 100 réis. Estes tipos (ou subtipos) **não** estão no Catálogo de Selos do Brasil RHM, que classifica **apenas dois** selos com a numeração RHM 72 (lilás) e RHM 72 a (rosa pink).

Segundo ainda o Manual Kohl, estes três “subtipos” do selo RHM 72, têm as seguintes diferenças geométricas decorrentes da utilização de pelo menos três gravações distintas: o tipo I, proveniente de uma chapa de **aço** e os tipos II e III da chapa de **cobre**.

A distinção destes subtipos é feita através do exame da **voluta no canto superior esquerdo** e do **aspecto dos algarismos do valor facial**.



Tipo 1



Tipo 2



Tipo 3

“1” com haste bem fina



TIPO 01

“1” com haste curta e grossa



TIPO 02

“1” com haste grossa e aberta



TIPO 03

Convém salientar que em alguns casos (*particularmente do tipo 2*), o algarismo “1” pode apresentar-se de forma *diferente* e isso *dificulta* a **classificação** dos tipos.

AS MATRIZES DO VALOR DE 200 RÉIS

Para a taxa de 200 réis foram gravadas 2 matrizes. As características destas matrizes são as seguintes:

Matriz I

a - O **tracedado** no filete esquerdo é constituído por 7 linhas horizontais, que levemente **ultrapassam** a elipse à direita formando neste lugar como que uma **escadinha**.

b - A **linha** do sombreado horizontal dentro da elipse e que se dirige em direção ao **ponto** entre "E" e "U" é curta, havendo um pequeno **espaço branco** entre o final desta linha e o referido ponto.

c - A **haste** do algarismo 2 é levemente **inclinada**, enquanto o **primeiro** zero é mal formado na sua parte **inferior** à esquerda.

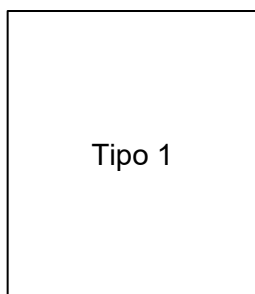
Matriz II

a - O **tracedado** no filete esquerdo é constituído por 6 linhas, que **não** ultrapassam a elipse.

b - A **linha** do sombreado referida na descrição da Matriz I é **completa** e atinge o **ponto** entre "E" e "U".

c - A **haste** do algarismo 2 é quase **vertical** enquanto o primeiro zero tem uma leve **reentrância** na sua parte superior à direita, muitas vezes encoberta pela tinta.

Matriz I - linha curta
Matrize I - kurze Linie

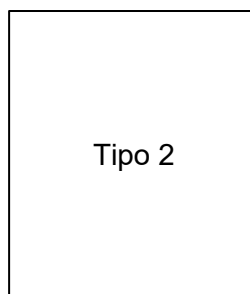


Tipo 1

Matriz I
Matrize I



Matriz II - linha completa
Matrize II - vollstaendige Linie



Tipo 2

Matriz II
Matrize II



Os selos provenientes da **matriz I** são denominados de "tipo I", enquanto os provenientes da **matriz II** são designados como sendo do "tipo II".

A IMPORTÂNCIA E CLASSIFICAÇÃO DOS PAPÉIS NO PADRÃO CRUZEIRO

A escolha do papel para a impressão de selos no final do Império era marcada por rigor e uniformidade, mas com o advento da República, a orientação mudou radicalmente. Para a primeira emissão Republicana (Padrão Cruzeiro), foram utilizados nada menos que **sete tipos de papéis completamente diferentes**, sem a observância de critérios ou normas, o que se repetiu para as cores, resultando em uma série de grande diversidade filatélica.

No estudo do Padrão Cruzeiro, a identificação e a classificação dos diversos tipos de papéis empregados sucessivamente constituem o **elemento básico** para a classificação cronológica das várias tiragens. Portanto, os papéis são de máxima importância para a classificação da série.

O primeiro estudo profundo sobre o tema foi realizado por **H. Flatau** em 1942, em seu trabalho "Os Cruzeiros". *Flatau* dividiu os papéis em sete tipos básicos, designando-os pelas letras de **A** a **G**, além de um subtipo **A1**. Esta nomenclatura tornou-se clássica e foi adotada no presente trabalho.

Flatau buscou classificar os papéis **cronologicamente** usando as datas de obliterações mais antigas. Ele determinou que a sequência cronológica era **A, B, C**, com as seguintes datas mais remotas conhecidas:

- **Papel A:** 03.02.1890
- **Papel B:** 11.10.1890
- **Papel C:** 11.05.1891

No entanto, descobertas feitas nos 37 anos seguintes revelaram selos em papel **C** com datas anteriores à do papel **B**, sendo as mais antigas: **30.08.1890** (taxa de 20 réis) e **05.03.1890** (taxa de 200 réis). Isso demonstrou que a ordem cronológica real dos três primeiros papéis é **A, C e B**, e não A, B e C, como suposto inicialmente. Essa **correção histórica** tem a importante consequência de tornar os papéis **B e D vizinhos** na sequência cronológica de emprego.

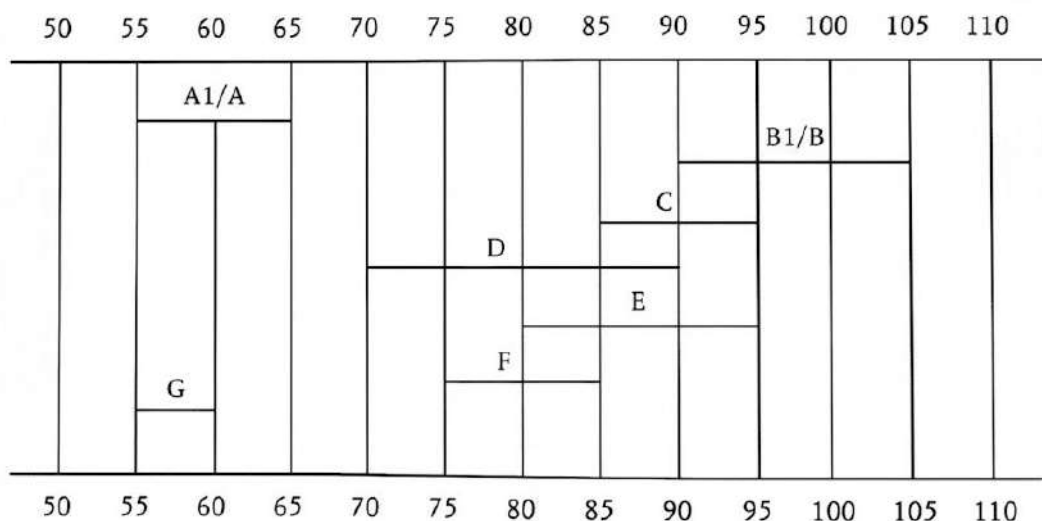
Apesar da incorreção na sequência cronológica original, optou-se por **manter a nomenclatura de H. Flatau (A a G)** para evitar confusões para filatelistas já habituados.

Considerando que a classificação correta do selo depende da identificação exata do papel, e que as descrições existentes não são seguras ou completas para todos os tipos (o que gera dificuldades até mesmo para especialistas), o presente trabalho procurou **ampliar as descrições de H. Flatau**, detalhando todas as variantes conhecidas de cada papel e introduzindo subtipos apenas quando a importância das variantes o justifica. O objetivo é fornecer um conhecimento global que possibilite classificar os selos deste padrão de maneira mais **fácil e segura** na prática.

Identificação dos Papéis: Quadro das Principais Características

ESTRUTURA	TRAMA	SENTIDO DA TRAMA	TRANSPARÊNCIA	OBSERVAÇÕES
A	Fofo e poroso	Geralmente forte; há exceções	Geralmente vertical	-
A1	Fofo e poroso	Bem visível	Geralmente vertical	Forte
B	Fortemente tratado	Geralmente nítida	Vertical	-
B1	Tratamento irregular	Irregular, fraca	-	-
C	Fofo	Fraca	Vertical	-
D	Fibras desordenadas	-	-	-
E	Forte, fibras de linho	Forte	Vertical	-
F	[Variada]	Fina, variável	Geralmente horizontal	-
G	Duro e pergaminhado	De fraca a forte	Geralmente horizontal	Média

QUADRO DA ESPESSURA DOS PAPÉIS



Filigrana de Sutura



Trata-se de filigrana não intencional que possui, no entanto, todas as características de uma filigrana normal e intencionalmente fabricada.

A filigrana de sutura tem origem na fase da fabricação do papel em que este ainda bastante úmido, é transportado por uma tela apropriada. Uma costura nesta tela ocasiona o aparecimento de filigrana que tem o aspecto de pequenos traços aproximadamente paralelos, correspondentes exatamente aos fios da sutura existente no transportador.

A filigrana de sutura pode aparecer no selo no sentido **horizontal** ou no **vertical**. No padrão Cruzeiro conhecemos esta filigrana nas seguintes taxas a papéis:



TAXA	TIPO	TIPO DE PAPEL	SENTIDO DA FILIGRANA
20 rs.		A	Horizontal
		B	Vertical
		E	Horizontal
50 rs.		A	Horizontal
		B	Horizontal
100 rs.	tdce.	A	Horizontal
200 rs.	II	A	Horizontal
	I	A	Horizontal
	I	B	Horizontal
300 rs.		A	Horizontal
		B	Vertical
		E	Horizontal
700 rs.		E	Horizontal
1000 rs.		E	Horizontal

CRUZEIROS

1890/1894

Papéis



Papel A



Papel A1



Papel B



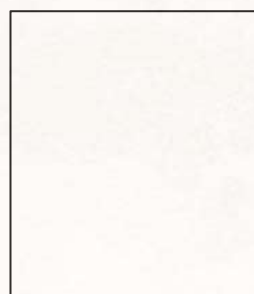
Papel B1



Papel C



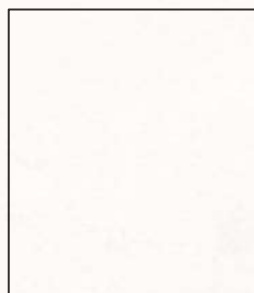
Papel D



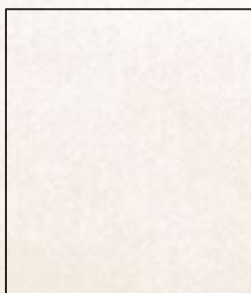
Papel E



Papel F



Papel G



Filigrana de Sutura

O COMPLEXO ESTUDO DAS CORES NO PADRÃO CRUZEIRO

A identificação e denominação das cores dos selos do Padrão Cruzeiro representam um dos problemas mais complexos da filatelia. Esta dificuldade surge da **multiplicidade de cores e tonalidades** utilizadas e, principalmente, das **alterações pronunciadas** que certas tintas sofreram com a ação do tempo.

Um fator que acelerou essas alterações foi a negligência no processo de impressão. Conforme relatou *Belarmino Pinheiro*, as tintas eram preparadas com anilinas dissolvidas em glicerina, óleo de linhaça e gesso. Embora fosse proibido, os impressores ocasionalmente adicionavam mais **óleo de linhaça** à tinta para facilitar a limpeza da chapa, o que era **vedado** para evitar o escurecimento e a alteração da anilina. Esta prática é citada como uma das causas das inúmeras variedades de nuances, especialmente a **tonalidade oliva**.

No entanto, a causa fundamental da enorme variedade de cores foi a sequência de **modificações na composição das tintas**, sejam elas intencionais ou toleradas. Essa falta de critério levou a extremos, como taxas diferentes serem impressas na mesma cor (ex: 20 e 50 réis em verde) e uma mesma taxa ser impressa em cores totalmente distintas (ex: 500 réis em amarelo e cinza escuro).

O processo de emissão deste padrão baseou-se em **pequenas tiragens sucessivas**. A falta de cuidado no preparo das tintas e na dosagem correta dos componentes resultava em uma **sequência de nuances** que giravam em torno de uma cor básica. Além disso, em momentos desconhecidos, a **cor básica era alterada**, gerando um novo grupo de nuances, um processo que se repetiu durante toda a existência do padrão.

A classificação das cores deve considerar que a aparência atual dos selos é o resultado da negligência no preparo das tintas, da adição inadequada de óleo, da forte ação do tempo e das manipulações (*lavagens*) sofridas.

Para organizar uma classificação segura, é fundamental priorizar a **identificação exata de todas as cores básicas**. Devido à existência de nuances ser a regra, elas são identificadas e catalogadas apenas quando são consideradas **relevantes**. O objetivo não é incluir todas as nuances existentes (o que seria irreal), mas sim possibilitar a classificação segura das cores básicas.

TAXA	TIPO	LETRA	COR
20 Réis		a	verde Paris
		b	verde azulado pálido
		c	verde acinzentado turvo
		d	verde acinzentado vivo
50 Réis		a	ardósia esverdeado escuro
		b	cinza esverdeado
		c	oliva turvo
		d	azul safira
		e	verde azulado escuro
		f	verde escuro
		g	verde oliva
		h	verde acinzentado turvo
		i	verde acinzentado vivo
		j	oliva amarelado
		k	oliva esverdeado
100 Réis	TIPO I	a	rosa
	TIPO I	b	malva
	TIPO IA	b	malva
	TIPO II	b	malva
	TIPOGRAFADO	a	malva escuro
	TIPOGRAFADO	b	malva carminado
	TIPOGRAFADO	c	malva
	TIPOGRAFADO	d	malva pálido
200 Réis	TIPO I	a	violeta pálido
	TIPO I	b	violeta
	TIPO I	c	violeta vivo
	TIPO I	d	violeta ardósia
	TIPO II	a	violeta pálido
	TIPO II	b	violeta
	TIPO II	c	violeta vivo
300 Réis		a	ardósia
		b	azul da Prússia
		c	ultramar
		d	violeta acinzentado
		e	cinza violáceo
		f	cinza
500 Réis		a	amarelo pardacento
		b	oliva amarelado
		c	oliva esverdeado
		d	ardósia
		e	cinza oliva escuro
		f	cinza violáceo
		g	cinza amarelado claro
700 Réis		a	castanho oliva
		b	castanho claro
		c	pardo escuro
		d	castanho avermelhado escuro
1000 Réis		a	amarelo pardacento
		b	castanho ocre

OS TIPOS DE 100 RÉIS

Cores

O Catálogo de Selos do Brasil apresenta **duas cores distintas** no selo de 100 réis Cruzeiro e, uma cor em particular, é extremamente **rara**. Trata-se do famoso **"ROSA PINK"**. Um selo bastante difícil de se encontrar, mesmo com carimbo. A seguir mostramos um exemplar do RHM 72 na cor lilás e dois exemplares do RHM 72a na cor "rosa pink", encontrados no *Tesouro do Baú*. Pode-se ver a **diferença** entre as duas peças pelas imagens. Existem também ferramentas para saber se uma peça é ou não "rosa pink".



Lilás



Rosa Pink



Rosa Pink



Rosa Pink com
Carimbo de 1º dia

CRUZEIROS

1890/1894

Cores – Denteação 13-14 – Papéis Diversos



70 a – 20rs
verde



70 b – 20rs
esmeralda



71 a – 50rs
verde azulado



71 b – 50rs
verde escuro



71 c – 50rs
ardósia



71 d – 50rs
ardósia esverdeado



71 e – 50rs
verde



71 f – 50rs
azul safira



71 g – 50rs
oliva



71 h – 50rs
oliva amarelado



72 a – 100rs
rosa pink



73 a – 200rs
violeta escuro



73 b – 200rs
violeta ardósia

CRUZEIROS

1890/1894

Cores



74 a – 300rs
cinza ardósia



74 b – 300rs
violeta cinza



74 c – 300rs
ultramar



75 a – 500rs
cinza ardósia



75 b – 500rs
amarelo oliva



76 a – 700rs
castanho avermelhado
claro



76 b – 700rs
castanho oliva



77 a – 1.000rs
ocre



77 b – 1.000rs
amarelo

OS DENTEADOS

Sistema de Denteação – Características

Os selos do padrão Cruzeiro foram *denteados em linha* com máquinas do tipo guilhotina, utilizando um sistema de denteação em linha simples, que perfura uma linha de cada vez. Este método era bastante trabalhoso, exigindo 22 operações (11 na horizontal e 11 na vertical) para denteação completa de uma folha de 100 selos (10 carreiras de 10 selos). A principal característica deste sistema é a **Irregularidade na denteação dos ângulos dos selos**, pois os furos das linhas de denteação horizontal e vertical raramente coincidiam.



Outras falhas típicas incluem a **Repetição de falhas no denteado**, que ocorre na hipótese de quebra de um pino perfurador, resultando na falta de perfuração repetida na mesma posição em todas as carreiras até que o defeito seja corrigido. Também se notam **Selos com dimensões, largura e altura acentuadamente desiguais**. Essa irregularidade se deve ao posicionamento manual da folha para perfurações sucessivas, onde o ajuste impreciso resultava em grande número de selos com dimensões irregulares (pequenos, grandes, estreitos, largos, altos ou curtos). Além disso, a necessidade de prender a folha por meio de agulhas para o denteado resultava em "furos de fixação" que apareciam em cantos de selos.



Medidas de Denteados

As primeiras tiragens do padrão Cruzeiro foram denteadas com máquinas que serviram para as últimas emissões do Império. A medida normal deste denteado é **13 - 13 ½**, podendo alcançar os extremos de **12 ½** e **14**. Esta é a chamada **denteação fina**, abreviadamente designada por **D1**. Variações de medidas eram comuns, devido aos constantes reparos nas matrizes perfuradoras que causavam pequenos desvios. Posteriormente, entrou em uso uma nova máquina de dentear, de bitola **11 - 11 ½**, que produziu a **denteação grossa**, designada **D2**.



Denteação Mista e Selos Não Denteados

Com o aparecimento do novo denteado, ele foi usado em conjunto com o fino numa mesma folha, originando a chamada **denteação mista**, com a medida **12 ½ - 14 x 11 - 11 ½** (denteado na direção horizontal e outro na vertical). A existência de denteado misto com combinação **3 x 1** (três lados com uma medida e o quarto lado com outra) é ocasional e atribuída a folhas com denteação incompleta que foram denteadas posteriormente com máquina de medida diferente.

Selos Não Denteados

Peças parcial ou inteiramente **não denteadas** são conhecidas apenas nas taxas de **20** e **100 réis**. Para o valor de 20 réis, há conhecimento de par horizontal em papel tipo E com denteado fino faltando entre os dois selos. Para a taxa de 100 réis, a coleção *Otávio de Carvalho (leiloadas em 1958)* possuía um par horizontal inteiramente não denteado, que foi considerado uma prova de impressão. É ressaltado que selos isolados, com amplas margens e totalmente sem denteação, aparecem com frequência, mas a autenticidade dessas peças isoladas não pode ser comprovada.



CRUZEIROS

Denteação 11 – 11 ½



70 A – 20rs
verde



70 Aa – 20rs
esmeralda



70 Ab – 20rs
verde escuro



71 A – 50rs
verde



71 Aa – 50rs
verde cinza



71 Ab – 50rs
verde azulado



73 A – 200rs
violeta



73 Aa – 200rs
violeta escuro



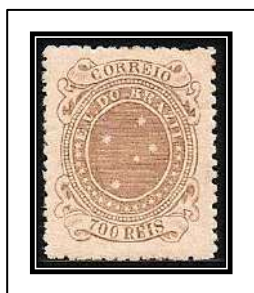
74 A – 300rs
cinza ardósia



74 Aa – 300rs
violeta cinza



75 A – 500rs
amarelo oliva



76 A – 700rs
castanho oliva



76 Aa – 700rs
pardo



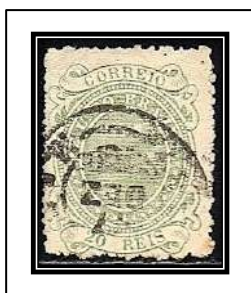
77 A – 1.000rs
ocre

CRUZEIROS

Denteação 11 – 11 ½ x 13 – 14 – Mista



70 B – 20rs
verde azulado



70 Ba – 20rs
verde



70 Bb – 20rs
esmeralda



71 B – 50rs
verde



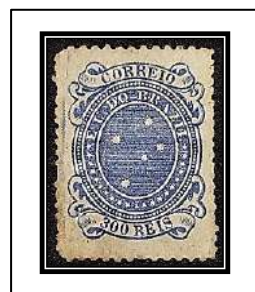
71 Ba – 50rs
verde cinza



73 B – 200rs
violeta



73 Ba – 200rs
violeta escuro



74 B – 300rs
ultramar



74 Ba – 300rs
cinza ardósia



75 B – 500rs
cinza oliva



75 Ba – 500rs
amarelo ocre



75 Bc – 500rs
cinza ardósia



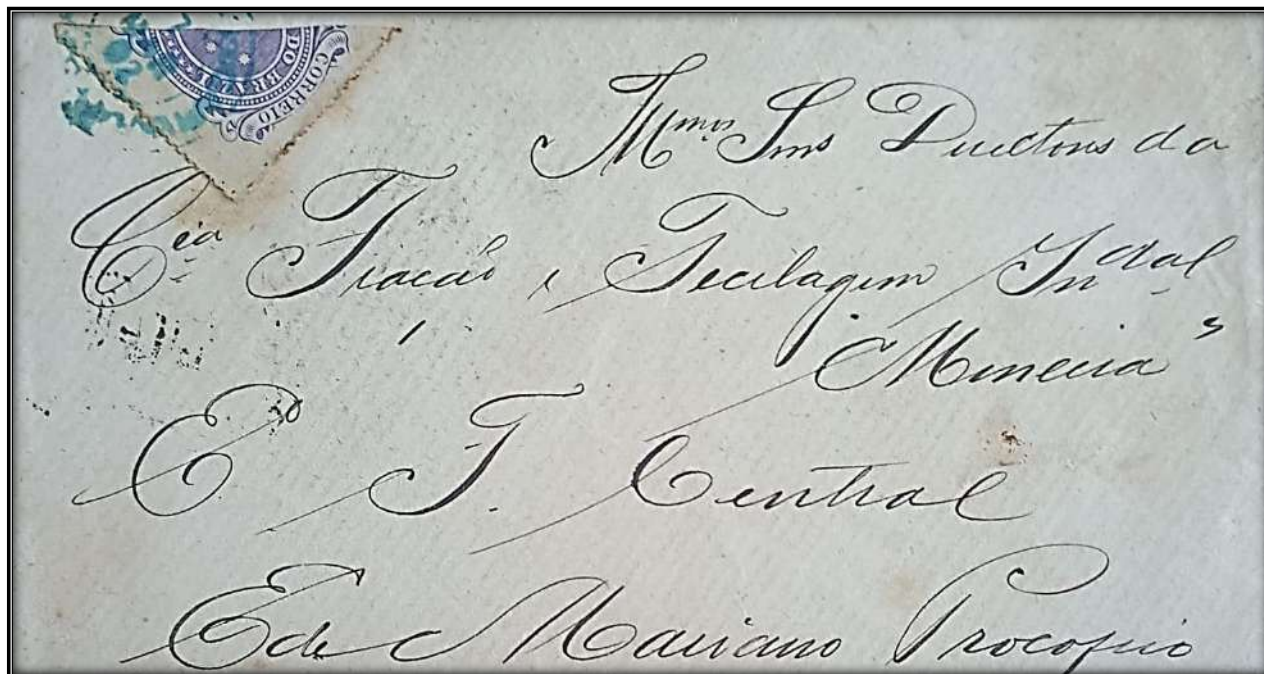
77 B – 1.000rs
ocre

OS SELOS BISSETADOS

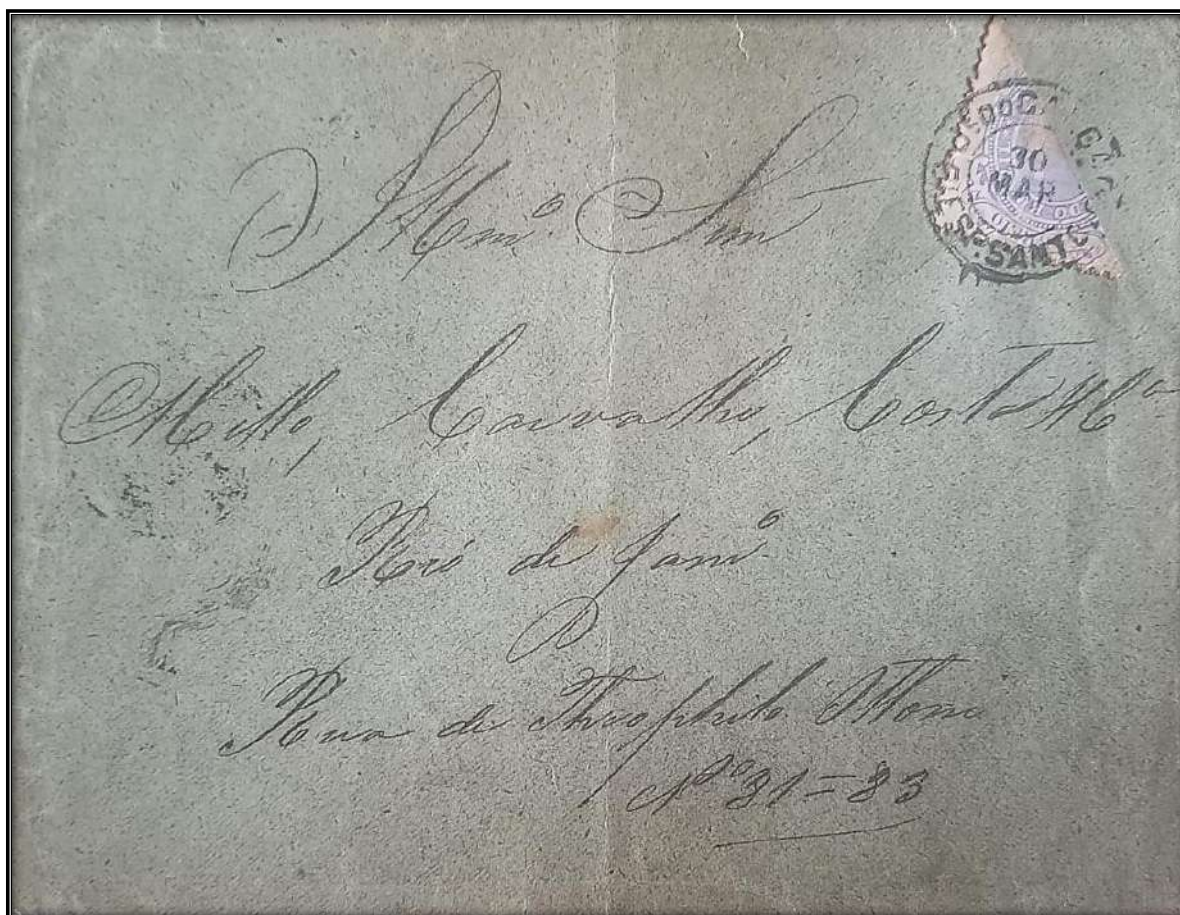
O uso de selos cortados (**bissetados**) constituía uma prática contra a qual dispunha o regulamento postal, conforme o Artigo 10 do Regulamento aprovado pelo Decreto 368-A de 1 de maio de 1890, que declarava: "São nulos os selos que tiverem sido cortados ou rasgados."

Apesar da condenação, esta medida de emergência era adotada por agentes de pequenas localidades no interior, o que levou os administradores a tomarem providências, segundo um ofício de 8 de julho de 1893 do Administrador dos Correios de Pernambuco ao seu colega de Minas Gerais, comunicando que a Repartição havia recebido várias cartas franqueadas pela Agência de Santa Luzia de Carangolas (Minas Gerais) com selos cortados, contrariando o regulamento vigente.

No caso da série Cruzeiro, o valor mais comumente encontrado bissectado é o de **200 réis**. É essencial que estas peças sejam examinadas com máxima atenção e certificadas, pois há inúmeras falsificações.



73 bss – 200rs, Bisseto Sobre Envelope Circulado em 1892 de Tombos do Carangola para Mariano Procópio com Selo de 200Rs Cruzeiro do Sul denteado 13, bissetado.



73 bss – 200rs, Bisseto Sobre Envelope Circulado em 1895 para o Rio de Janeiro com 200Rs Cruzeiro do Sul bissetado, Carimbo de Saída "S. José do Calçado".

FALSIFICAÇÕES

Do padrão Cruzeiro não se conhecem falsificações dos selos propriamente ditos. As falsificações filatélicas limitam-se à **adulteração de cores** por lavagem ou tratamento químico e, principalmente, as **adulterações no denteado**.

Além das cores alteradas pelo tratamento químico em selos do próprio padrão, também são conhecidas peças adulteradas por lavagem química da sobrecarga aplicada em 1899, especialmente na taxa de **700 réis**.

Devido ao sistema de denteação em linha, os selos deste padrão frequentemente apresentam margens muito irregulares, por vezes bastante largas. Este fato é aproveitado para a aplicação de **denteados falsos**. A adulteração mais comum visa a fabricação de **denteações mistas**. São também conhecidas peças isoladas totalmente sem denteado, que são consideradas produto de *manipulação*. Na sua maioria, as falsificações de denteado são grosseiras e facilmente reconhecíveis, havendo relativamente poucos casos de adulterações realmente bem executadas.



Denteado falsificado visando a fabricação de denteações mistas.

REINCISÕES E RETOQUES

REINCISÃO: As reincisões acontecem quando a chapa de impressão sofre um pequeno deslocamento e bate mais de uma vez sobre o papel. Algumas reincisões podem ser bastante sutis, notadas apenas numa pequena área do selo, outras podem ser mais pronunciadas.

CHAPA RETOCADA: Marca deixada na impressão do selo, devido a retoques na chapa de impressão. Embora não influenciem a classificação dos selos, são de grande interesse filatélico. Os selos gravados do padrão Cruzeiro são considerados para estudo especializado, apresentando reincisões, retoques e anormalidades que individualizam numerosos selos. Embora a descrição detalhada destas características não justifique um trabalho geral, estão listadas a seguir as características gerais das chapas e os retoques de maior importância e interesse geral.



CHAPAS RISCADAS: É muito frequente, nas diversas taxas, encontrar exemplares de taxas com riscos, manchas e linhas de cor estranhas ao desenho original. A maioria deles provém de anomalias incorporadas à chapa (riscos ou corrosões) durante o seu uso e são defeitos perfeitamente identificáveis, atribuídos a manuseio impróprio e limpezas imperfeitas às quais as chapas foram submetidas.

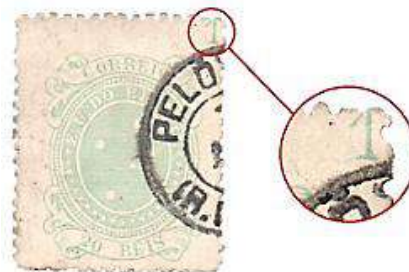


As linhas e manchas de porte secundário são importantes para o reconhecimento e identificação de posições de certos selos nas chapas, e não devem ser confundidas com reincisões, pois são de natureza diversa e têm origem no processo de gravação da chapa.

CRUZETAS: As cruzetas são encontradas nas margens superior ou inferior das chapas, em todas as taxas, exceto na de 500 réis. Podem ser classificadas em 3 tamanhos básicos:



- a) pequena - cerca de 1,0 mm.
- b) média - cerca de 2,5 mm.
- c) grande - cerca de 5,0 mm. São encontradas em diversas posições, mas não no meio da chapa ou nas suas extremidades.



ALGARISMO:

O algarismo é encontrado gravado unicamente na taxa de 20 réis, tanto na margem superior quanto na inferior da chapa.



LINHAS DE CENTRAGEM: As linhas de centragem são linhas auxiliares no processo de gravação das chapas, sendo frequentes no padrão Cruzeiro, tanto horizontais como verticais. Apresentam-se de forma muito forte e excepcionalmente nítidas no caso da taxa de 100 réis do tipo I, identificando de imediato a posição de determinado selo na chapa.



Cartão da Casa Filatélica "Mundial" divulgando a existência de Selo Tipo "Cruzeiro" de 100 réis com Dupla Impressão.

72 A - 100rs lilás impressão dupla parcial

IMPRESSÕES CASUAIS: Com frequência, encontram-se selos com o que parecem ser grandes reincisões ou duplas impressões parciais, mas um exame atento revela que se trata de variedades acidentais, curiosidades de impressão. Frequentemente, estas impressões são invertidas, lendo-se como inscrições da direita para a esquerda. Nesses casos, a origem é a sobreposição de duas folhas com a tinta não completamente seca, originando uma duplicação acidental e irregular de parte do desenho. Este tipo de curiosidade é mais comum no padrão Cruzeiro de 700 réis, pela sua natureza de reduzido interesse filatélico.

AS CHAPAS DOS DIVERSOS VALORES

TAXA DE 20 RÉIS: A taxa de 20 réis apresenta uma única matriz e no mínimo 2 chapas.

LINHAS DE CENTRAGEM: Encontram-se exemplares com vestígios de linhas de centragem verticais, com ou sem nitidez, aproximadamente à altura do selo, entre selos vizinhos. Linhas de centragem curtas são comuns na margem superior à altura do "2 R" da palavra *Correio*. As linhas de centragem horizontais são mais frequentes: à altura do eixo maior da elipse, entre a 1ª e 2ª estrelas do oval, ou linhas com largura aproximada do selo, no espaço entre selos de uma mesma coluna vertical.

CRUZETAS E ALGARISMO 1:

- **Chapa Nº 1:** Possui o algarismo gravado na margem superior entre os selos das posições 8 e 9. Esta mesma chapa apresenta uma cruzeta de tamanho médio entre os selos das posições 9 e 10.
- **Outras Chapas:** Na margem superior, em outra ou outras chapas, aparecem cruzetas de tamanho pequeno e médio.
- **Margem Inferior:** Foram encontradas cruzetas pequena e média, esta última com traço horizontal alongado. O algarismo '1' também é encontrado na margem inferior da folha, desconhecendo-se se está na mesma chapa que tem o algarismo estampado na margem superior.

REINCISÕES

- **Reincisão I:** Encontrada na posição 42 de uma outra chapa, provisoriamente designada como chapa 2 da taxa de 20 réis.

Reinciso I
Doppeluebertragung I



- **Reincisão II:** Semelhante à anterior e com a qual pode ser confundida, localizada na posição n.º 52.

Reinciso II
Doppeluebertragung II



- **Reincisão III:** Não tem a sua posição determinada, mas sabe-se que está localizada na primeira fila horizontal.

Reinciso III
Doppeluebertragung III



Existem ainda outras duas peças que apresentam as características de reincisões, mas que ainda não foram confirmadas como tal por se conhecer apenas uma peça de cada. Desta forma, são provisoriamente designadas como **reincisões IV e V**.

Reinciso IV
Doppeluebertragung IV



Reinciso V
Doppeluebertragung V



Reinciso ?
Doppeluebertragung ?



Horst Flatau descreveu no seu trabalho "Os Cruzeiros" um único reinciso da taxa de 20 réis, mas o próprio autor colocou em dúvida que a peça descrita representasse realmente um reinciso. Esta dúvida deveu-se ao facto de vários selos de um mesmo bloco apresentarem características semelhantes, mas não iguais, e à natureza dos detalhes em si.

O aspecto geral destes selos apresenta uma certa duplicação de linhas nas letras de "E.U. do Brasil" e principalmente nas faixas ovais que circundam a elipse e as estrelas. Contudo, esta duplicação de linhas **não é nítida nem perfeitamente definida**, como seria o caso de uma verdadeira reincisão. Deve-se notar que este mesmo género de duplicação de linhas se apresenta também nas taxas de **100 e 200 réis**, igualmente indefinida e sem nitidez. Não há elementos para evidenciar serem estas peças provenientes de reincisões, apenas assinala-se a sua existência.

TAXA DE 50 RÉIS

LINHAS DE CENTRAGEM: Não foram encontradas linhas de centragem verticais. As linhas horizontais existem tanto na altura do eixo menor da elipse quanto na largura do selo, no intervalo entre selos da mesma coluna vertical.

CRUZETAS: Existem cruzetas pequenas nas margens superior e inferior. A posição dessas cruzetas ainda não foi determinada.

REINCISÕES: São conhecidas duas reincisões do selo de 50 réis, ambas descritas por *H. Flatau*.

Reinciso I: Sua posição exata na chapa é desconhecida. Sabe-se que não está localizado na 1ª, nem na última fila horizontal, nem nas colunas verticais 9ª e 10ª.

Reinciso I
Doppeluebertragung I



Reinciso II: Também não se conhece a posição na chapa, nem se sabe se pertence à mesma chapa do Reinciso I. Pelas peças conhecidas, não pertence à 1ª nem à última fila horizontal, e pertence às colunas verticais 2ª e 10ª.

Reinciso II
Doppeluebertragung II

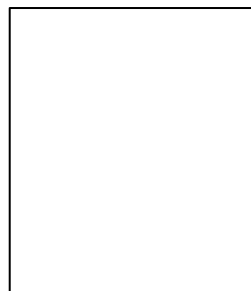


RETOQUES DE CHAPA: Deve-se notar que um terceiro reinciso descrito por *H. Flatau* não foi confirmado como tal.

Uma das chapas da taxa de 50 réis foi objeto de retoques feitos à mão com o auxílio de um buril. Estes retoques são bastante nítidos e facilmente reconhecíveis, sendo considerado um fato extraordinário que tenham passado despercebidos.

Os retoques em questão foram feitos na letra R da palavra "Réis". Na matriz, a letra R foi gravada de maneira defeituosa, com a base do R incompleta (o traço da base existe apenas para o lado direito).

Gravura normal
Normale Gravur



O gravador percebeu esta falha após a gravação da matriz e tentou corrigi-la retocando as gravuras diretamente na própria chapa.

Gravura retocada
Retuschierte Gravur



A dificuldade dessa operação levou o próprio gravador a cometer um acidente, escorregando o buril, o que transformou o que seria um retoque em um corte accidental na base do R (*um típico "malburin" ou uma gravação oriunda de uma falha no manuseio do buril*).

Gravura retocada - Acidente no manuseio do buril

- Ausrutscher des Stichels -



Provavelmente, após este acidente, o gravador não insistiu mais nos retoques. Foram retocados ao todo 6 selos, dispostos em um bloco de 6, formado por 3 selos na horizontal e 2 na vertical. Estes selos retocados estão localizados na margem direita da folha, nas colunas 8, 9 e 10 da chapa. É de se notar que o selo com a falha (o acidente no manuseio do buril) pertence à margem da folha, sendo o 3º selo do bloco de 6 retocados. Os retoques são considerados de grande interesse filatélico devido à sua origem e nitidez, especialmente o caso do retoque.

TAXA DE 100 RÉIS, TIPOS I E IA: Para a taxa de 100 réis, foram gravadas duas matrizes e no mínimo três chapas.

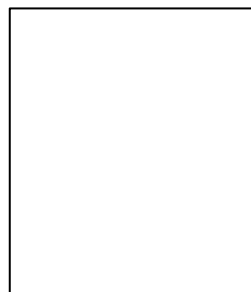
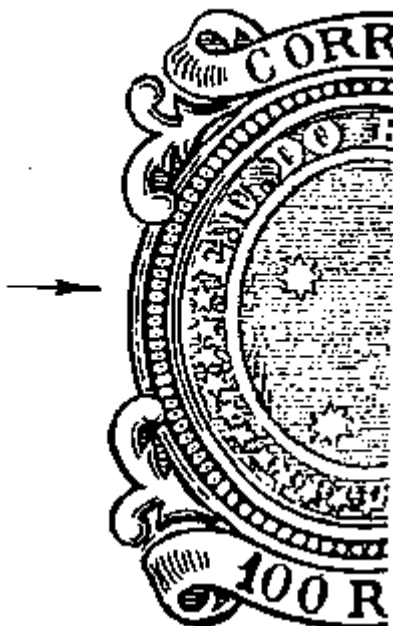
LINHAS DE CENTRAGEM: Nos selos do tipo I, conforme assinalado, há linhas verticais normalmente nítidas entre os selos na chapa, que se identificam e individualizam.

CRUZETAS: Na chapa do tipo I, aparecem cruzetas de tamanho grande tanto na margem superior como na inferior. Cruzetas também foram encontradas na margem inferior.

REINCISÕES NA CHAPA DO TIPO I

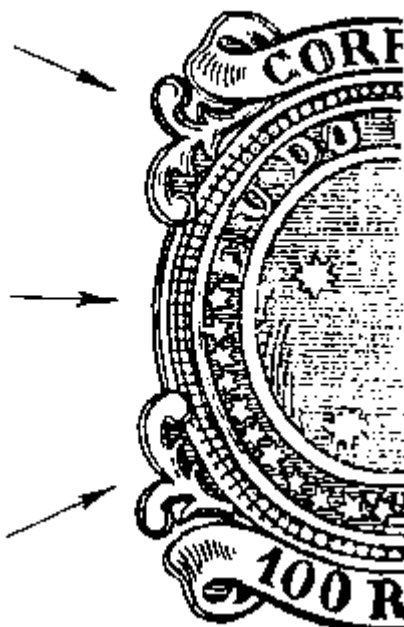
Reinciso I: Possui características que o colocam em dúvida quanto à sua natureza. Trata-se de um caso similar ao último reinciso descrito na taxa de 20 réis.

Reinciso I
Doppeluebertragung I



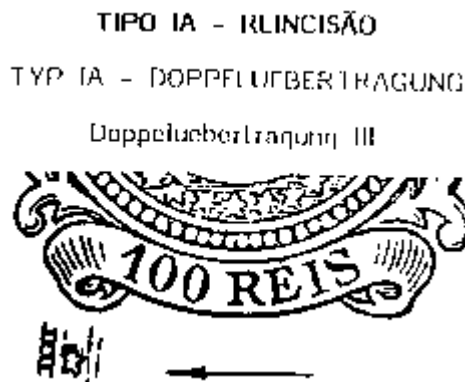
Reinciso II: É uma reincisão "espetacular", de grande beleza e nitidez. Apresenta o desenho de grande parte do selo, especialmente na parte esquerda, quase totalmente duplicado de maneira muito clara e com grande nitidez. Não há dúvida de que se trata de uma reincisão e não de uma dupla impressão, pois as características estão não só na duplicação das linhas, mas em características noutras que identificam sua posição na chapa. Este selo situa-se na margem superior da folha, portanto na 1ª fila horizontal da chapa.

Reinciso II
Doppeluebertragung II



REINCISÕES NA CHAPA DO TIPO IA

Reinciso III: É um reinciso bastante nítido, notável por apresentar uma parte de seu desenho duplicado num local afastado do original. A explicação é que o desenho foi gravado de maneira imprópria, tentando-se efetuar uma segunda gravação. A operação de polimento da chapa para eliminar o desenho anterior teria sido imperfeita, deixando vestígios da gravação prévia que produziram a duplicação do desenho. Não se conhece a posição deste reinciso na chapa, sabendo-se apenas que não se situa na última coluna vertical.



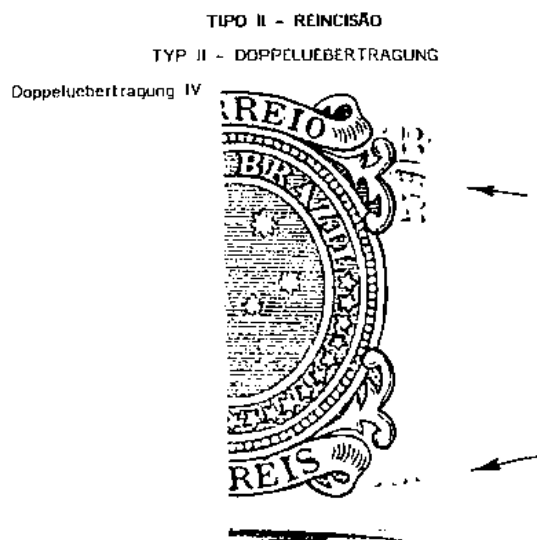
TAXA DE 100 RÉIS - TIPO II

LINHAS DE CENTRAGEM: Não foram encontradas linhas verticais, que são tão frequentes na chapa do tipo I. Aparecem apenas linhas horizontais da largura do selo entre selos vizinhos, bem como uma linha de centragem bem curta na margem, na altura do eixo menor da elipse.

CRUZETAS: Conhecem-se: Cruzeta pequena na margem inferior, posicionada entre 2 selos; Cruzeta de tamanho médio posicionada sobre o segundo "R" da palavra CORREIO.

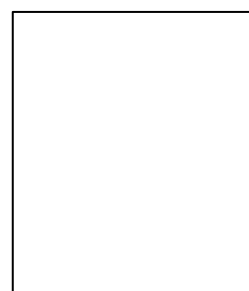
REINCISÕES NA CHAPA DO TIPO II

Reinciso IV: Trata-se de uma reincisão fora do desenho do selo. Sua origem provavelmente seja semelhante à do Reinciso III. Não se conhece a posição deste reinciso na chapa.



CHAPA GASTA

Nos selos de 100 réis do tipo II, aparece um desgaste de chapa bastante acentuado. A maior evidência deste desgaste é notada no ornato superior onde se encontra a palavra CORREIO. Neste ornato, as linhas que se situam à esquerda da inscrição tornam-se gradativamente mais fracas, chegando a desaparecer por completo.



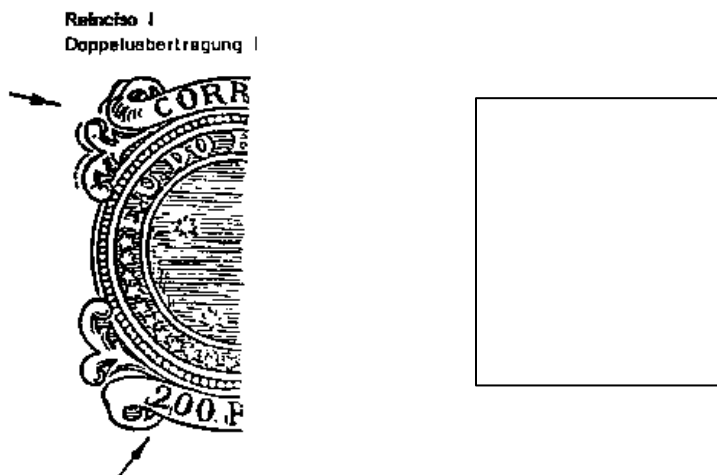
TAXA DE 200 RÉIS - TIPO I: Assim como a taxa de 100 réis, a de 200 réis também teve duas matrizes, resultando em no mínimo duas chapas.

LINHAS DE CENTRAGEM: Nos selos do tipo I, são encontradas linhas de centragem horizontais na altura do eixo menor da elipse. Igualmente, existem linhas horizontais com aproximadamente a largura do selo entre selos vizinhos.

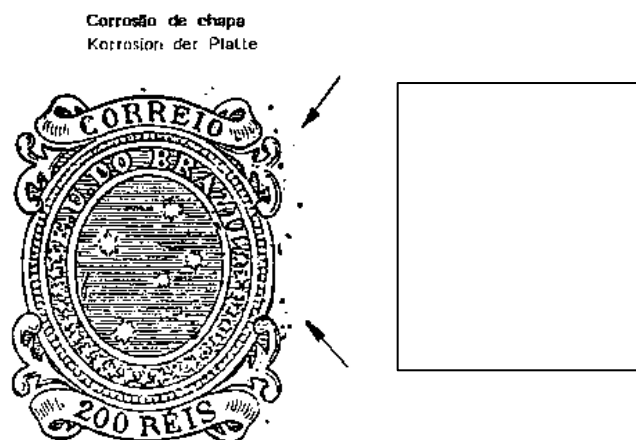
CRUZETAS: São conhecidas cruzetas pequenas em ambas as margens, superior e inferior.

REINCISÕES NO TIPO I

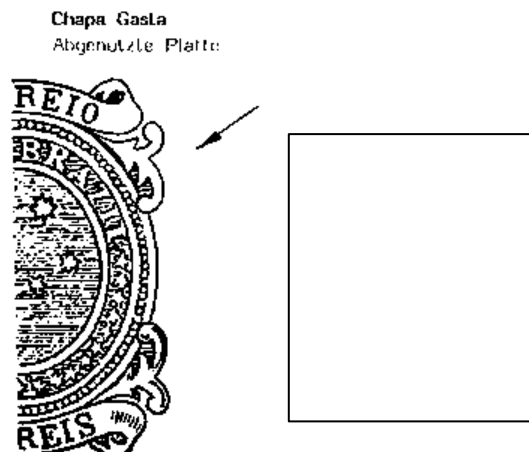
Reinciso I: Trata-se de uma reincisão já descrita por H. Flatau, correspondendo ao selo nº 71 da chapa.



CORROSÃO DE CHAPA: Embora vários selos de diversas taxas apresentem indícios de corrosão na chapa (e que não são objeto de descrição pormenorizada neste estudo), na chapa de 200 réis tipo I há um caso de corrosão acentuado que já havia sido notado por H. Flatau. Trata-se do selo nº 79.



CHAPA GASTA: Existem indícios de desgaste na chapa, especialmente no lado direito do selo. O sombreado existente no florão direito chega a desaparecer.



TAXA DE 200 RÉIS - TIPO II

LINHAS DE CENTRAGEM: Em selos do tipo II, podem ser encontradas linhas de centragem do tamanho aproximado do desenho, entre selos, tanto horizontais como verticais. Igualmente, podem ser encontradas linhas de centragem horizontais na altura do eixo menor da elipse.

CRUZETAS: A chapa da taxa de 200 réis tipo II, designada como chapa I, apresenta pelo menos duas cruzetas em sua margem superior, ambas de tamanho médio. A primeira se situa entre os selos números 3 e 4, e a segunda se posiciona entre os selos 4 e 5. Na parte inferior, também há cruzetas de pelo menos dois tipos, pequena e média.

REINCISÕES NO TIPO II

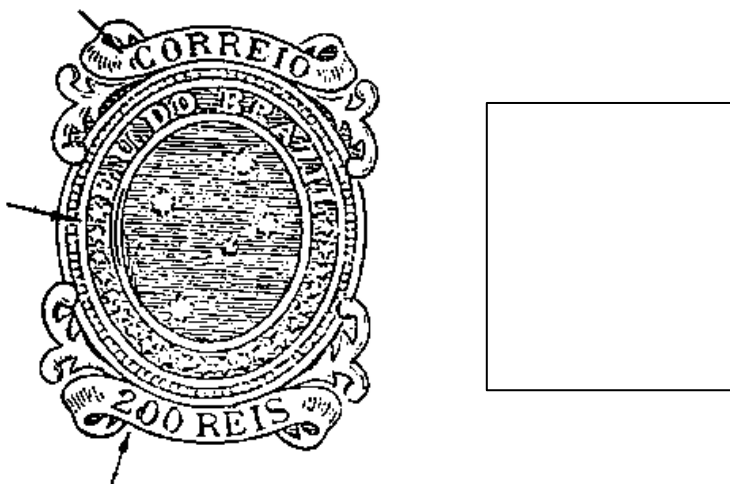
Reinciso II: A chapa designada por chapa I apresenta um reinciso, o selo nº 3.

Reinciso II
Doppelübertragung II



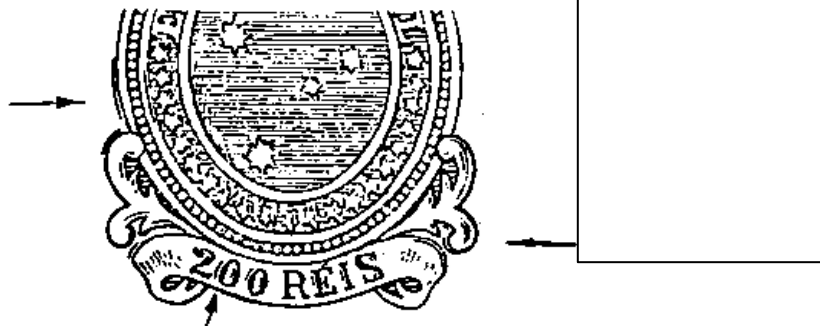
Reinciso III: Nos selos de 200 réis tipo II, conhece-se ainda outro reinciso cuja posição na chapa não é conhecida.

Reinciso III
Doppelübertragung III



Reinciso IV: Trata-se de uma peça de grande beleza e nitidez. Grande parte do desenho na parte inferior do selo se apresenta claramente duplicada. Deste selo, conhece-se unicamente um exemplar, motivo pelo qual não se pode afirmar que se trata de uma reincisão e não de um caso de dupla impressão. Dadas as características da peça, é descrita provisoriamente como reinciso IV.

Reinciso IV
Doppelübertragung IV



TAXA DE 300 RÉIS

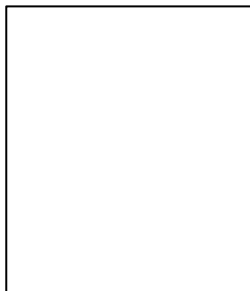
LINHAS DE CENTRAGEM: Aparecem frequentemente no espaço entre selos vizinhos linhas horizontais, aproximadamente da largura do próprio selo. Com menos frequência, podem ser encontradas linhas verticais também entre selos vizinhos.

CRUZETAS: Na taxa de 300 réis, não foram encontradas cruzetas na parte inferior do selo. Na margem superior, existem cruzetas de tamanho pequeno e médio.

REINCISÕES

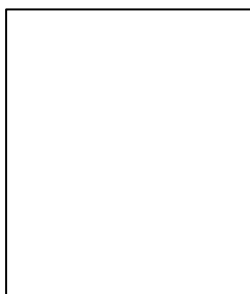
Reinciso I: Trata-se de um reinciso bastante grande, mas geralmente de pouca nitidez. Sua posição na chapa ainda não foi determinada.

Reinciso I
Doppeluebertragung I



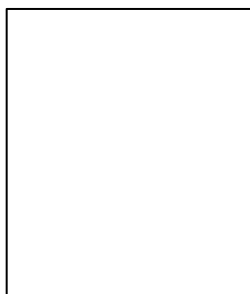
Reinciso II: Este reinciso é bastante nítido. A posição na chapa ainda não foi determinada, sabendo-se apenas que não está localizado na última coluna vertical.

Reinciso II
Doppeluebertragung II



RETOQUE DE CHAPA: Foram encontrados selos de 300 réis que apresentam retoque a buril nítido no ornato superior direito. A posição deste selo, ou selos retocados, ainda não é conhecida.

Retoque de Chapa / Plattentusche



TRANSFERÊNCIA DEFEITUOSA: Foram encontrados selos que apresentam características originadas de defeitos de estampagem na própria chapa. A parte superior do desenho destes selos é muito menos nítida ou mesmo incompleta em certos pontos.

A origem desta anomalia está na operação de transferência do cilindro de transferência para a chapa. O movimento do cilindro sobre a superfície da chapa foi menos extenso do que teria sido necessário para gravar todo o desenho, o que ocasionou que a sua extremidade (neste caso, a parte superior) fosse estampada menos profundamente, ou seja, de maneira incompleta. A posição na chapa destes selos anormais ainda não foi determinada.

TAXA DE 500 RÉIS

Grande parte dos selos de 500 réis foi impressa com tinta oliva amarelada de má qualidade, utilizando-se o papel tipo D, igualmente de má qualidade. Como resultado da má impressão obtida, os selos são praticamente inaproveitáveis para o estudo dos detalhes de seu desenho.

Desta forma, o estudo das características de chapa para a taxa de 500 réis está limitado ao exame dos selos impressos no papel tipo E, que são bem mais escassos.

LINHAS DE CENTRAGEM: São encontradas linhas horizontais na altura do eixo menor da elipse. Raramente se encontram linhas verticais, no espaço entre selos vizinhos.

CRUZETAS E REINCISÕES: Ainda não foi encontrada qualquer cruzeta em selos da taxa de 500 réis; Não são conhecidas reincisões nesta taxa.

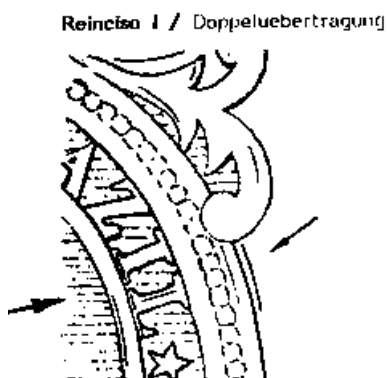
TAXA DE 700 RÉIS

LINHAS DE CENTRAGEM: São encontradas linhas de centragem horizontais no eixo menor da elipse. Raramente, são encontradas linhas horizontais no espaço entre selos vizinhos.

CRUZETAS: Existe cruzeta de tamanho médio na margem superior da chapa.

REINCISÕES

Reinciso I: A taxa de 700 réis apresenta um reinciso bastante nítido em selo localizado na última coluna vertical, portanto na margem direita da folha. A posição exata ainda não foi determinada.



TRANSFERÊNCIA DEFEITUOSA

DEFEITO DE TRANSFERÊNCIA PARA A CHAPA: Nos selos de 700 réis, aparece um defeito bastante curioso que consiste numa interrupção da linha superior do desenho. Este defeito aparece com certa frequência, conhecendo-se pares horizontais com ambos os selos apresentando esta anomalia e, até mesmo tira vertical de 3 selos com todos os exemplares defeituosos. Em se tratando de selos gravados, a origem desta característica está provavelmente em quebra do relevo no cilindro de transferência.



TAXA DE 1000 RÉIS

LINHAS DE CENTRAGEM: São encontradas raramente linhas de centragem horizontais na altura do eixo menor da elipse.

CRUZETAS: É conhecida cruzeta de tamanho grande na margem superior.

REINCISÕES: Não são conhecidos selos reincisos da taxa de 1000 réis.

REIMPRESSÃO



Em 1943, as chapas do padrão Cruzeiro do Sul foram *destruídas* pela Casa da Moeda do Brasil e enviadas para o Museu Postal. Antes, porém, foi decidido realizar uma última **reimpressão** de cada chapa disponível em papel tipo cartão diferente das demais. Essas reimpressões foram encadernadas e permaneceram propriedade do **Clube Filatélico do Brasil** até o final do ano 2000, após o qual tiveram outro destino. Dessas folhas, alguns de seus selos foram vendidos em blocos de quatro, pares e selos isolados. Há apenas *uma folha para cada valor*, conforme constatado ao se ter acesso a esse encadernado quando foram removidas as reimpressões dos seguintes valores dessas chapas numeradas.



RE-70
20rs (70)
Chapa 45



RE-71
20rs (70)
Chapa 46



RE-72
50rs (71)
Chapa 72



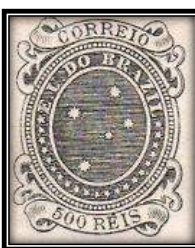
RE-73
100rs (72)
Chapa 42



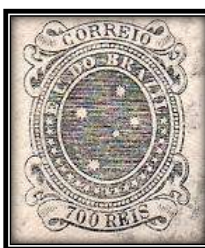
RE-74
200rs (73)
Chapa 44



RE-75
300rs (74)
Chapa 49



RE-76
500rs (75)
Chapa 50



RE-77
700rs (76)
Chapa 48



RE-78
1.000rs (77)
Chapa 47

O MODELO CRUZEIRO DO SUL TIPOGRAFADO

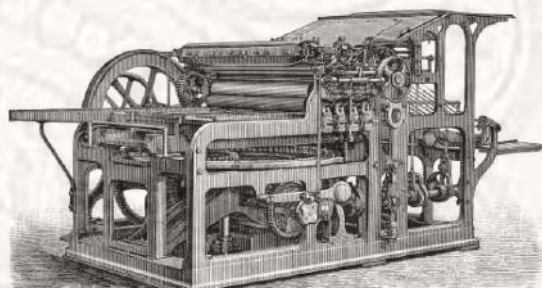
Até o ano de 1890, a Casa da Moeda utilizava apenas o processo de gravação para impressão de selos postais, de modo que todos os selos até então produzidos eram selos **gravados**.

A Casa da Moeda introduziu a impressão de selos pelo método **tipográfico** devido à escassez de selos que se verificava na época e que não podia ser resolvida utilizando apenas os recursos da gravação. A falta de selos era sentida especialmente nas taxas de 100 réis (para os selos postais) e na taxa de 200 réis (para as estampilhas do Tesouro).



*Estampilha de
200 réis*

Assim, em janeiro de 1890, foi organizada uma oficina de Xilo-Quimi-Gravura, destinando-a aos trabalhos de impressão pelo **processo tipográfico**, sob a chefia de José Villas Boas. O Sr. Villas Boas iniciou os trabalhos com a gravação em madeira, primeiramente da estampilha de 200 réis e logo após do selo de 100 réis, ambos do tipo **Cruzeiro**.



Máquina de tipografia Marinoni

Para o selo de 100 réis, o modelo utilizado para o desenho foi uma prova de cunho do selo gravado.

A reprodução da gravura em madeira foi feita por galvanoplastia por José Gamarra. Para a impressão dos selos, foi utilizada uma Máquina Marinoni recém importada, que estava sendo preparada para montar os galvanos (*clichês de tipografia obtidos através de um processo chamado galvanoplastia, que usa eletricidade para depositar uma camada de metal sobre um objeto*).

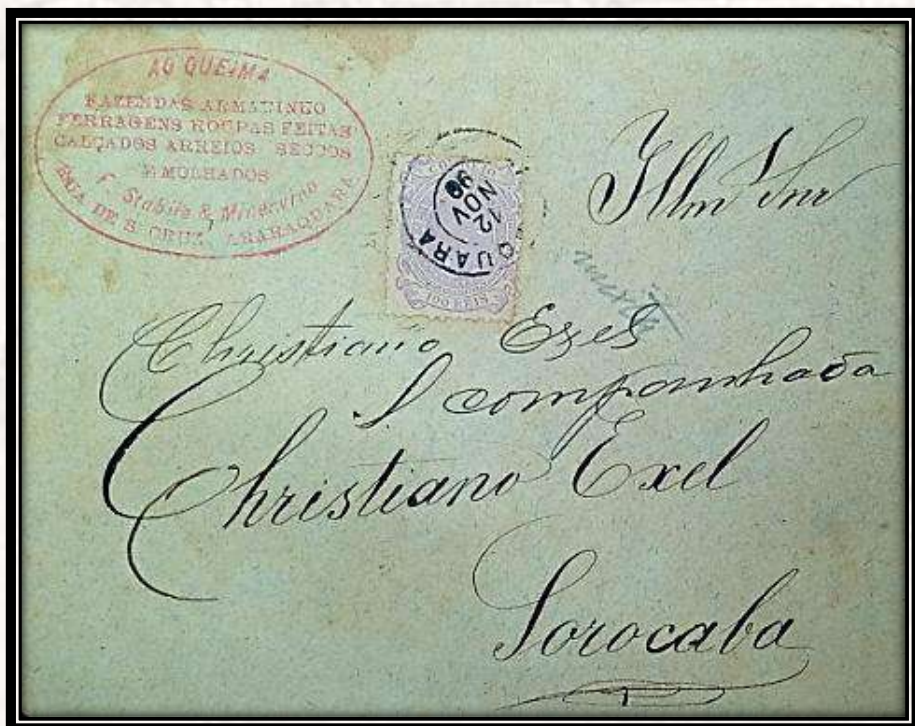
Em abril de 1890, a impressão das estampilhas de 200 réis teve início, seguida pelo selo postal de 100 réis nos últimos dias de maio. Desta forma, apenas 5 meses após o lançamento da primeira emissão da República, o selo de 100 réis Cruzeiro, impresso pelo sistema tipográfico, já estava em circulação. Este selo teve uma existência curta, pois foi impresso apenas durante 1 ano, sendo substituído em maio de 1891 pelo selo, também tipografado, conhecido como *Tintureiro* e desmonetizado em 30 de dezembro de 1915.

O selo de 100 réis começou a circular em junho de 1890. A obliteração mais antiga conhecida é de *14 de junho de 1890*. É importante notar que este selo foi posto em circulação **sem edital próprio**.

A *quantidade* emitida de selos de 100 réis tipografados é de cerca de 14.700.000.



*Cruzeiro do Sul 100 réis tipografado
RHM 78 novo, com defeito de
chapa na estrela superior*



*Franquia Isolada do selo de 100
réis Tipografado, Denteação Mista,
Lilás da Emissão Cruzeiro do Sul
(RHM 78 B) como 1º Porte Interno
Simples de 100 réis sobre envelope
circulado de Araraquara/SP em 12
de novembro de 1890 para
Sorocaba/SP. No verso, carimbos
de trânsito S. PAULO 03.MAI.90 e
recepção 14.NOV.90.*

CLASSIFICAÇÃO

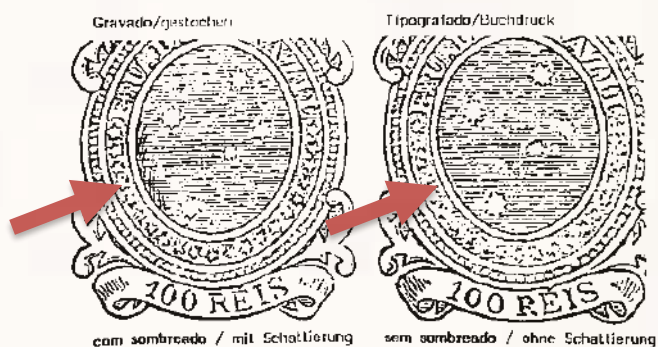
Chapas Tipográficas

IDENTIFICAÇÃO DO SELO TIPOGRAFADO: O selo de 100 réis tipografado é distinguido do selo gravado por diferenças típicas, originadas pelos sistemas de impressão, além de outras características de desenho.

SOMBREADO NA ELIPSE CENTRAL: Os selos gravados possuem linhas de *sombreado no lado esquerdo da elipse central*, onde está a constelação do Cruzeiro do Sul. Este sombreado está *ausente* no selo tipografado.

IDENTIFICAÇÃO DO SELO TIPOGRAFADO

IDENTIFIKATION DER BUCHDRUCKMARKT



PÉROLAS: As pérolas que *circundam* o escudo central são bastante desalinhadas no selo tipografado, algumas de maneira particularmente evidente.

Denteação 13



78 – 100 réis
lilás pálido

FORMAÇÃO DAS CHAPAS TIPOGRÁFICAS

As chapas tipográficas eram compostas por galvanos (clichês) isolados. *Belarmino Pinheiro* relata que a impressão foi feita sobre duas fôrmas de 100 selos cada, para aproveitar o formato da máquina grande. No entanto, não esclarece como estas "duas fôrmas" estariam dispostas, resultando a impressão em uma folha de dois painéis de 100 selos, uma questão que permanece obscura.

Em uma das chapas tipográficas encontrava-se, talvez por pouco tempo, um galvano invertido que proporcionou o *primeiro* e *raríssimo* selo "**tête-bêche**" da filatelia brasileira. Por outro lado, a própria composição das chapas tipográficas foi refeita, pelo menos uma vez, sendo que a que apresenta o defeito conhecido como "oval partido" é comprovada. Vários clichês apresentavam defeitos, muitos deles de grandes proporções.

O clichê invertido encontrava-se na última fila horizontal, isto é, na margem inferior da folha. São possíveis pares tanto horizontais quanto verticais. Estes quadros opostos são muito *raros*. Um levantamento efetuado em 1935 revelou que até aquela data eram conhecidas apenas **15 peças**. São conhecidos sobre envelope e em tira horizontal de 3 selos, sendo o do meio invertido.



78 TB – 100 + 100 réis lilás pálido
selos opostos – tête-bêche



78 TB – 100 + 100 réis lilás pálido (Quadra)
selos opostos – tête-bêche



78 TBE1 –Tête-bêche Sobre Envelope



78 TBE2 –Tête-bêche, terno ônibus

OS PAPÉIS

Tipos Usados

O selo de 100 réis tipografado é conhecido apenas nos papéis do tipo A e A1. Teoricamente, ele poderia existir também nos papéis B e C, que foram usados para outras taxas durante o período em que se imprimiu este selo. O papel A1 é *raro*, sendo os exemplares bastante *finos e transparentes*.

Seguindo-se os mesmos critérios observados para a classificação dos selos gravados, tem-se para o caso do selo de 100 réis impresso pelo sistema tipográfico a classificação que se segue:

1890 - **Papel A:** Taxa de 100 réis nos tipos malva escuro (denteados D1, D2, Misto), malva carminado (denteados D1), malva (denteados D1, D2, Misto) e malva pálido (denteados D1, D2, Misto).

1890 - **Papel A1:** Taxa de 100 réis no tipo malva (denteados D1, Misto).

Observações sobre as tiragens em papel A e A1:

- **DATA:** Segundo *H. Flatau*, a data mais antiga é 14 de junho de 1890.
- **TRAMA:** O sentido da trama é o vertical.
- **FILIGRANA DE SUTURA:** Conhece-se o selo de 100 réis tipografado com filigrana de sutura no sentido horizontal.



A



A1



Filigrana de Sutura



Franquia Isolada do selo de 100 réis Tipografado, Denteação Fina, Lilás,
da Emissão Cruzeiro do Sul

AS CORES

A cor deste selo é malva (lilás), variando de pálido a escuro. É possível distinguir 4 grupos de nuances, classificando-o segundo 4 cores básicas:

- a – malva escuro
- b – malva carminado
- c – malva
- d – malva pálido

Classificação RHM



78 a – 100 réis
lilás



78 b – 100 réis
lilás rosa

OS DENTEADOS

Todos os denteados possíveis (*fino, grosso e misto*) são conhecidos neste selo. O denteado fino é de longe o mais comum devido à época em que foram impressos. O denteado normal é o fino, sendo o denteado grosso muito raro e o misto bastante frequente.

Classificação RHM – Denteação 11 e 11 x 13

Denteação 11 –
grossa



78 A – 100 réis
lilás

Denteação 11 x 13 –
mista



78 B – 100 réis
lilás rosa

DEFEITOS DE CHAPA

Importante ressaltar que todos os defeitos descritos são comprovadamente **defeitos permanentes**, ou seja, originados de *imperfeições existentes nos próprios clichês*. Em nenhum caso se trata de *curiosidade* devida a uma impressão casualmente defeituosa.

A descrição de todos os defeitos constituiria um campo *extenso demais* para um trabalho de natureza global. No entanto, são considerados de interesse geral a descrição dos defeitos mais **importantes**, aqueles de maior tamanho e, portanto, mais *evidentes*. Para a consideração dos defeitos de chapa, é preciso distinguir os dois tipos que se apresentam:

DEFEITOS BRANCOS: Trata-se de pontos, traços ou outras figuras em branco. Correspondem na chapa de impressão à falta de metal nos pontos respectivos.

DEFEITOS DE COR: Trata-se de pontos, traços ou outras figuras, porém na cor da impressão. Correspondem na chapa de impressão a excesso de metal ou corpos estranhos à chapa.

Para classificar e numerar os vários defeitos brancos, considerou-se o selo dividido em 4 áreas designadas por A, B, C e D. Para efeito de classificação, utiliza-se como prefixo a *designação correspondente à área* onde se localiza o defeito, seguindo-se um número de identificação que o individualize. Os defeitos de cor externos ao próprio desenho ou em qualquer outra posição do selo são considerados como da área E, procedendo-se para a sua classificação e numeração conforme visto para os defeitos brancos.



Área A - Legenda Correio e ornatos superiores

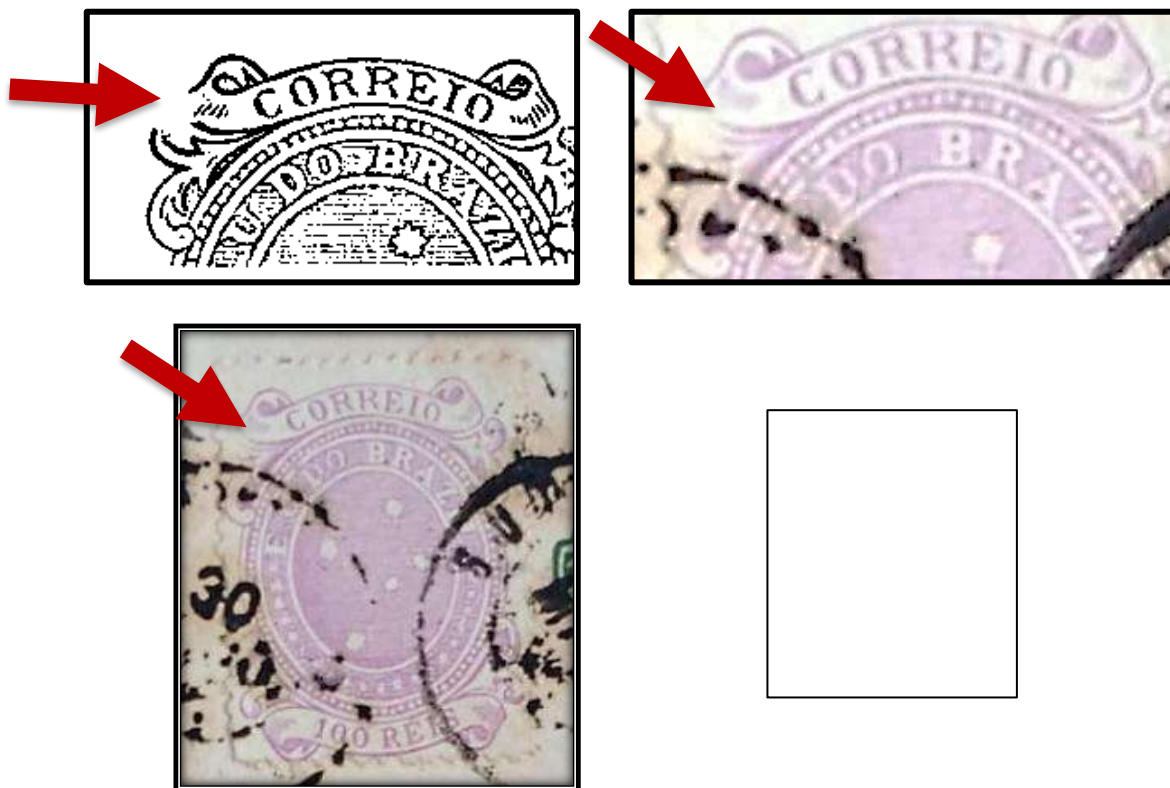
Área B - Legenda 100 Réis e ornatos inferiores

Área C - Legenda E.U. do Brasil e elipses

Área D - Escudo central

DEFEITOS E VARIEDADES

78 C: 100 Réis, Lilás, Com Voluta Partida no "C"



Franquia Isolada do selo de 100 réis Tipografado, Denteação Fina, Lilás da Emissão Cruzeiro do Sul (RHM 78) com "Voluta Partida no 'C'" sobre envelope Inteiro Postal de 100 réis formando o 1º Porte Externo Simples de 200 réis circulado de S. João de Montenegro/RS para Grob Rosenberg/Alemanha em 30 de maio de 1891. No anverso, carimbo octogonal 'LIGNE J PAQ. FR.' 15.JUIN.91 em tinta azul. No verso, carimbos de trânsito: PORTO ALEGRE 01.JUN.91, RIO DE JANEIRO 15.JUN.91 e PARIS ETRANGER JUIL.91.

78 D: Idem, Com "EI" de Correio Partido



78 E: Idem, Com Oval Partida



78 F: Idem, Com a Voluta Partida Acima do 2º "O"

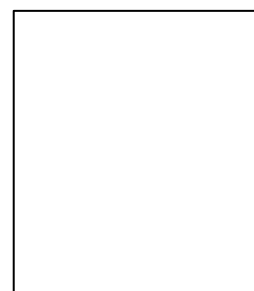


78 G: Idem, Com a Voluta Partida ao Lado do 2º "O"

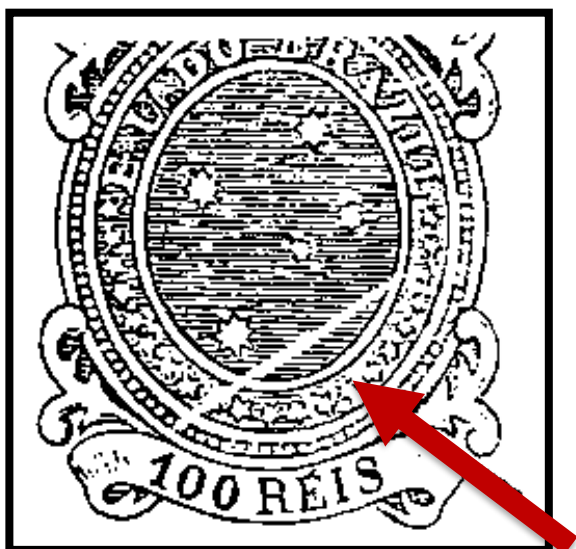


Franquia Isolada do selo de 100 réis Tipografado, Denteação Fina, Lilás da Emissão Cruzeiro do Sul com a variedade Voluta Partida ao lado do 2º "O" de "CORREIOS" (RHM 78 G) como 1º Porte Interno Simples de 100 réis sobre envelope circularizado de Limeira/SP em 3 de maio de 1891 para Sorocaba/SP.
No verso, carimbos de trânsito S. PAULO 3.MAI.91 e com recepção: 4.MAI.

78 H: Idem, Com Chapa Riscada Vertical



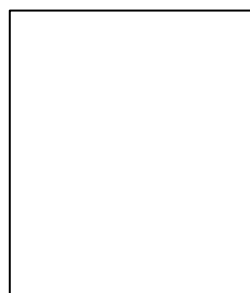
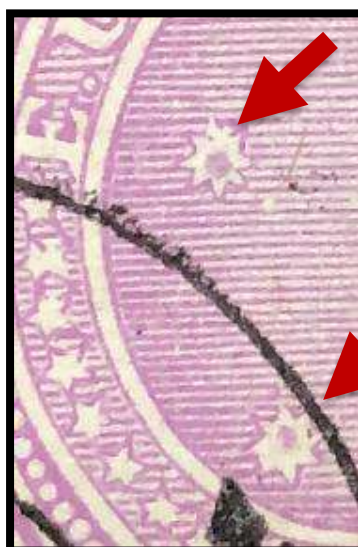
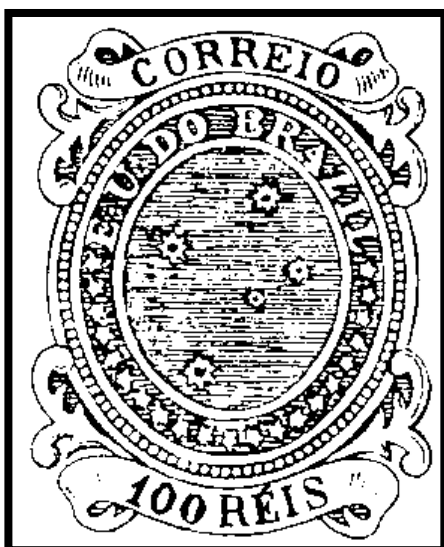
78 I: Idem, Chapa Riscada na Diagonal na Parte Inferior



78 | 2: Idem, Idem, na Parte Superior



78 J 1/5: Idem, Com Estrelas Com Pontos (de 1 a 5 pontos)

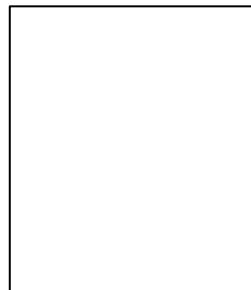


Franquia Isolada do selo de 100 réis Tipografado, Denteação Mista, Lilás da Emissão Cruzeiro do Sul com a variedade "Estrela com ponto" (RHM 78 B J 1) como 1º Porte Interno Simples de 100 réis sobre envelope circulado para Sorocaba/SP em dezembro de 1890. No verso, carimbos de trânsito S. PAULO 13.DEZ.90

78 K: Idem, Com Seis Estrelas



78 L: Idem, Com Voluta Inferior Esquerda Partida



78 M: Idem, Meia-Lua



CRUZEIRO DO SUL COM NOVOS VALORES EM SOBRECARGA

Histórico dos Selos "Cruzeiro do Sul" Sobretaxados



ENVELOPE PERRET COM 4X50 RÉIS/20 RÉIS

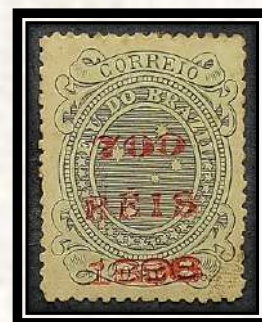
22 de setembro de 1899 – Envelope com tira de 4 selos de 50 réis sobre 20 réis (RHM 129) de Petrópolis para o Rio de Janeiro. Correspondência Perret.

A série original "Cruzeiro do Sul" foi lançada em 1890, logo após a Proclamação da República, com valores em Réis e apresentando a constelação como motivo principal.

O contexto da **sobretaxa** ocorreu devido a mudanças nas tarifas postais e à necessidade de aproveitar estoques de selos que haviam se tornado obsoletos ou estavam desmonetizados. Em 17 de maio de 1898, e posteriormente em 1899, os Correios do Brasil decidiram sobre-estampar os selos existentes com **novos valores**, em vez de produzir uma nova série completa.

As sobretaxas foram aplicadas tanto nas oficinas próprias dos Correios quanto na Casa da Moeda, resultando em uma variedade de tipos, cores de sobrecarga e denteações, o que torna esses selos itens de grande interesse para colecionadores.

As principais sobrecargas da série "Cruzeiro do Sul" incluíram uma variedade de ajustes de valores:



Ensaio de Sobretaxa



Ensaio de Sobretaxa

- 50/20 Réis
- 100/50 Réis
- 300/200 Réis
- 500/300 Réis
- 700/500 Réis
- 1000/700 Réis
- 2000/1000 Réis

Esses selos sobretaxados circularam por um período e são notáveis na filatelia brasileira pelo seu propósito de economia e reutilização de material, além das diversas variedades de impressão que surgiram, como sobrecargas duplas e diferentes tonalidades de cores.

Brasil, envelope circulado de Raiz da Serra da Tijuca p/ Paris e porteada em 1.200 réis, de acordo com o 4º porte internacional, com 1 selo de 200 réis da madrugada + 1 selo do cruzeiro sobretaxado. Franquia mista incomum.



CRUZEIRO DO SUL COM NOVOS VALORES EM SOBRECARGA

25-06-1899

Denteação 11 – 11 ½



129 – 50/20rs
verde
Tiragem: 125.000



130 – 100/50rs
verde
Tiragem: 330.000



131 – 300/200rs
violeta
Tiragem: 84.000



132 – 500/300rs
violeta cinza
Tiragem: 194.500



133 – 700/500rs
amarelo oliva
Tiragem: 236.300



134 – 1.000/700rs
castanho oliva
Tiragem: 264.000



135 – 2.000/1.000rs
ocre
Tiragem: 714.500

Cores



132 a – 500/300rs
cinza ardósia



135 a – 2.000/1.000rs
sobrecarga carmim

CRUZEIRO DO SUL COM NOVOS VALORES EM SOBRECARGA

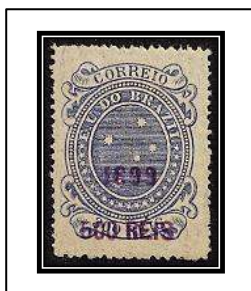
Denteação 13



129 A – 50/20rs
verde



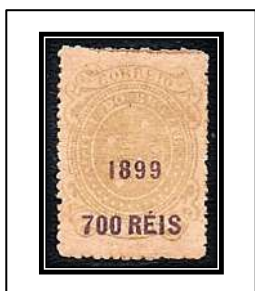
132 A – 500/300rs
violeta cinza



132 Aa – 500/300rs
cinza ardósia



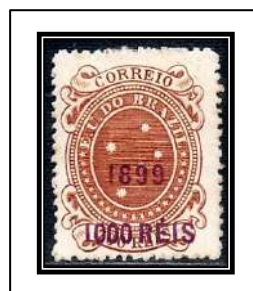
132 Ab – 500/300rs
ultramar



133 A – 700/500rs
amarelo oliva



134 A – 1.000/700rs
castanho oliva



134 Aa – 1.000/700rs
castanho avermelhado



135 A – 2.000/1.000rs
ocre



135 Ab – 2.000/1.000rs
castanho amarelado

Denteação 11 x 13



133 B – 700/500rs
amarelo oliva



134 B – 1.000/700rs
castanho oliva



135 B – 2.000/1.000rs
ocre



135 Ba – 2.000/1.000rs
sobrecarga carmim

CRUZEIRO DO SUL COM NOVOS VALORES EM SOBRECARGA

Variedades



129 D – 50/20rs
sobrecarga dupla



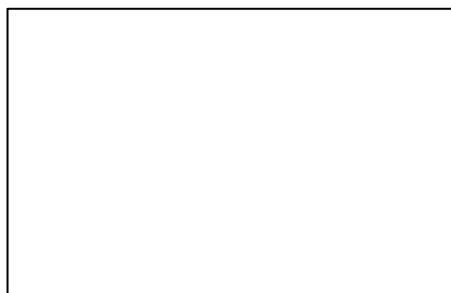
129 DM – 50/20rs
sobrecarga dupla, uma na margem



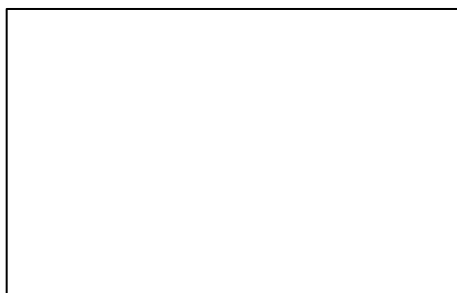
129 P – 50/20 réis
par, um sem sobrecarga



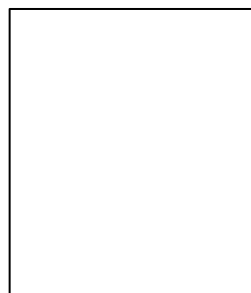
130 D – 100/50 réis
sobrecarga dupla



130 P – 100/50 réis
par, um sem sobrecarga



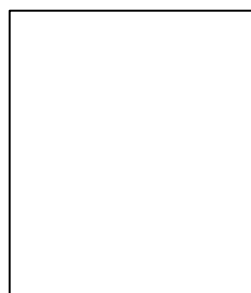
131 P – 300/200 réis
par, com e sem sobrecarga



131 D – 300/200 réis
sobrecarga dupla



131 DM – 300/200 réis
sobrecarga dupla, uma na margem



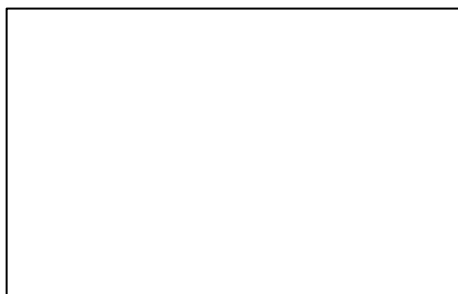
131 F – 300/200 réis
sobrecarga "1399"



131 DM – 300/200 réis
sobrecarga dupla, uma na
margem inferior



131 DM – 300/200 réis
sobrecarga dupla, uma na
margem superior



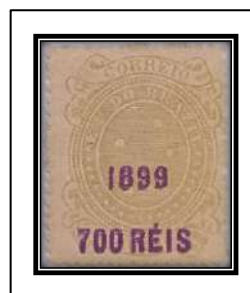
132 AbP – 500/300 réis
par, com e sem sobrecarga



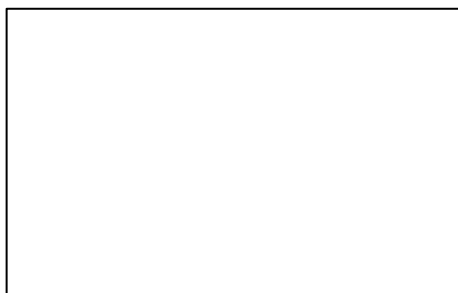
132 ADM – 500/300 réis
sobrecarga dupla, uma na margem



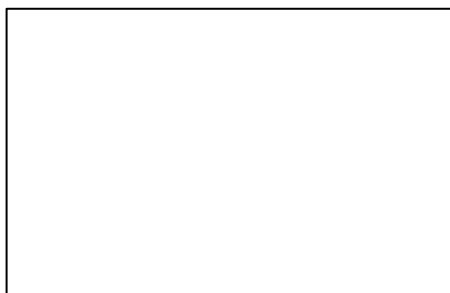
133 AP – 700/500 réis
par, com e sem sobrecarga



133 D – 700/500 réis
sobrecarga dupla



133 P – 700/500 réis
par com e sem sobrecarga



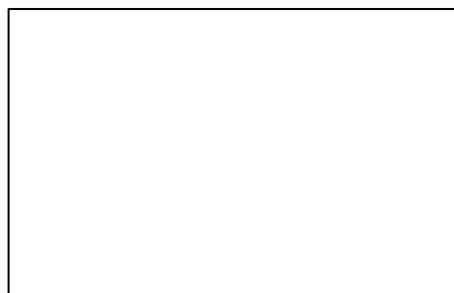
133 ADM – 700/500 réis
sobrecarga dupla, uma na margem



133 ADM – 700/500 réis
sobrecarga dupla, uma na
margem inferior



134 P – 1.000/700 réis
par, com e sem sobrecarga



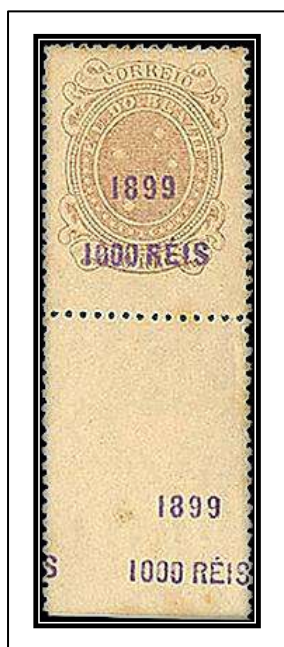
134 DDP – 1.000/700 réis
dupla sendo uma parcial



134 AaDM – 1.000/700 réis
sobrecarga dupla, uma na margem



134 DM – 1.000/700 réis
sobrecarga dupla, uma na margem



134 DM – 1.000/700 réis
idem uma na margem
inferior



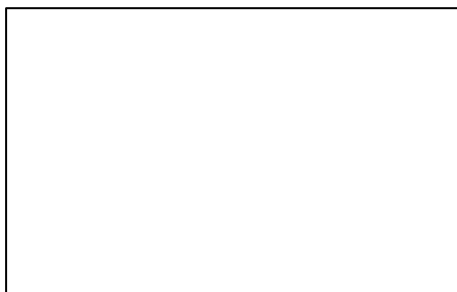
134 DM – 1.000/700 réis
idem uma na margem
superior



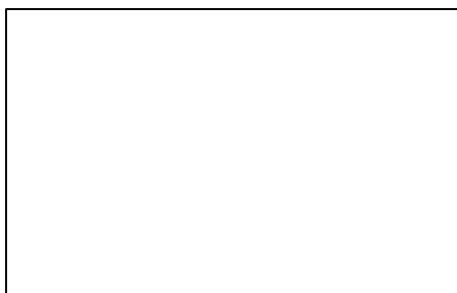
135 P – 2.000/1.000 réis
par, com e sem sobrecarga



135 P – 2.000/1.000 réis
trio, com e sem sobrecarga



135 DM – 2.000/1.000 réis,
sobrecarga dupla, uma na margem



135 aP – 2.000/1.000 réis
par, com e sem sobrecarga carmim

Curiosidades



74 cDD – 300rs
Ultramar com
DUPLA IMPRESSÃO



Par 300rs Violeta Cinza dt. 13 com um Selo de
7 Estrelas e o Outro "Péis"



Cruzeiro sobretaxado,
50/20 réis, com
número de chapa na
margem superior



2.000/1.000 réis, com
impressão dupla de
sobrecarga

Envelopes

Envelopes

Envelopes

Envelopes

O CRUZEIRO DO SUL:

História, Símbolo Nacional e Numismática Brasileira

O Cruzeiro do Sul, ou **Cru**x, é a constelação mais emblemática do Hemisfério Sul. Embora fosse conhecida por astrônomos gregos, sua forma atual foi documentada pela primeira vez em 1500 por **João Faras**, astrônomo da esquadra de *Pedro Álvares Cabral*, que a descreveu como "Las Guardas". Posteriormente, em 1515, foi chamada de "Cruz maravilhosa" pelo navegador *Andrea Corsali*. Sua fácil localização a tornou vital para os navegadores que chegavam ao Brasil e à América.

Presença em Símbolos e Nomenclatura

O Cruzeiro do Sul está profundamente enraizado na identidade brasileira:

Condecoração: É o símbolo da **Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul** (originalmente Imperial Ordem do Cruzeiro, 1822 - Dom Pedro I; reestabelecida em 1932 - *Getúlio Vargas*), a mais alta comenda concedida a personalidades estrangeiras.



Heráldica: Está representado no **Brasão das Armas da República** e, de forma invertida, na **Bandeira Nacional**, sendo considerada como vista por um observador "de fora da esfera celeste" (Lei de 1968).

Moeda Nacional: O nome "Cruzeiro" para a unidade monetária do país foi sugerido por *Machado de Assis* e adotado em 1942 (*Governo Vargas*) como símbolo da reforma monetária.



A Constelação na Numismática (Moedas)

A presença da constelação na cunhagem brasileira é extensa e evoluiu em diferentes fases:



Primeira Fase Republicana (1889-1961):

- **Brasão da República:** O Cruzeiro do Sul foi incorporado oficialmente à simbologia da República. As primeiras moedas pós-proclamação (réis) traziam o escudo do Brasão de armas, que continha a constelação.

- **Magnitude Aparente:** A partir de 1924 (série Abundância e moedas auxiliares do primeiro Cruzeiro), a quantidade de pontas das estrelas passou a ter relação com sua magnitude aparente (brilho no céu): por exemplo, quatro pontas para a estrela menos visível e oito pontas para a mais visível.



Segunda Fase (Desde 1985 e Padrão Real):

- O Cruzeiro do Sul retornou no Brasão de Armas das moedas do terceiro cruzeiro (1985) e das moedas do cruzado.

- O ápice de sua representação se deu no anverso da moeda de 1 cruzeiro (1990), em que era projetado a partir da esfera da bandeira nacional.



- **Padrão Atual (Real):** A constelação está presente no **reverso de todas as moedas do Real** (segunda família, desde 1998), em um arranjo que evoca a esfera estilizada da bandeira. Nas moedas de 25 centavos, na segunda família, a constelação aparece ao lado da efígie de Marechal Deodoro, reforçando sua ligação com a Proclamação da República.



A constelação é, portanto, um símbolo que atravessa a história, a astronomia e a cultura, estando literalmente presente nas mãos dos brasileiros através dos **selos**, **estampilhas fiscais** e das **moedas do Real** que circulam diariamente.

BRASIL
1890-91
THE SOURO NACIONAL E. U. DO BRAZIL
Impressos na Casa da Moeda
Cruzeiro do Sul – 1ª Série
Papel Branco – dt. 11-13 e 13 ½



100rs lilás violeta
papel lilás



200rs lilás
papel lilás



200rs violeta



400rs bistre



400rs salmão



500rs verde



500rs verde esmeralda

As primeiras estampilhas emitidas pelo Governo Republicano e impressas pela Casa da Moeda, entraram em circulação em 8 de abril de 1890. Até essa data, estiveram em uso as do Império, que nunca saíram de circulação quando eram emitidos novos padrões dos mesmos valores. Nos primeiros tempos da República, elas continuaram circulando junto com estampilhas republicanas da chamada série “**Cruzeiro do Sul**”.

BRASIL

1890-91

THE SOURO NACIONAL E. U. DO BRAZIL

Impressos na Casa da Moeda

Cruzeiro do Sul – 1ª Série

Papel Branco – dt. 11-13 e 13 ½



1.000rs amarelo bistre



2.000rs castanho



3.000rs vermelho escuro



3.000rs salmão



4.000rs azul celeste



5.000rs verde ardósia



10.000rs rosa



15.000rs oliva escuro



20.000rs lilás vivo



50.000rs purpurino

BRASIL

1895

THESOURO NACIONAL E. U. DO BRAZIL

Impressos na Casa da Moeda – Cores Mudadas

Cruzeiro do Sul – 2ª Série – Papel Branco – dt. 11x14 e 9



400rs vermelho



500rs laranja



1.000rs amarelo claro



2.000rs amarelo claro



3.000rs verde claro



4.000rs cinza



5.000rs azul



10.000rs violeta



15.000rs lilás



20.000rs purpurino



50.000rs carmim

BRASIL

1903

THESOURO NACIONAL E. U. DO BRAZIL

Impressos na Casa da Moeda – Novas Cores

Cruzeiro do Sul – 3ª Série – dt. 11 ½



400rs lilás



500rs oliva escuro



1.000rs verde esmeralda



2.000rs rosa



3.000rs ardósia



4.000rs vermelhão



5.000rs violeta



10.000rs laranja



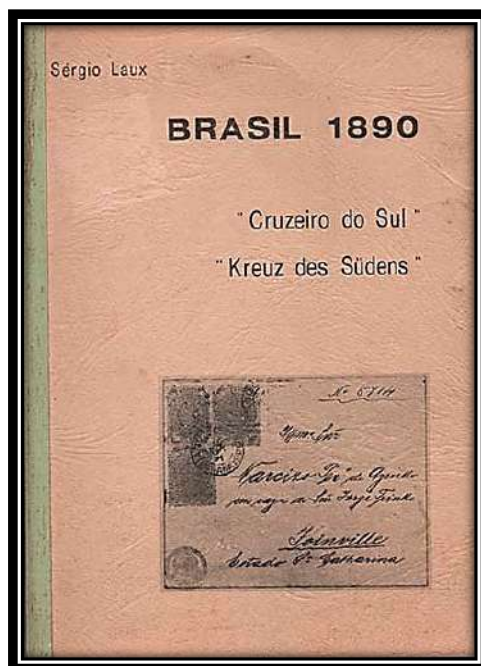
15.000rs rosa



20.000rs castanho



50.000rs azul anil



A proclamação da República em 15 de novembro de 1889 ocorreu enquanto os selos do tipo Cruzeiro estavam em fase de preparação. O desenho original desses selos, que apresentava a palavra "BRAZIL" e 20 estrelas (representando as províncias do Império), teve que ser alterado pelas novas autoridades. As modificações incluíram uma estrela adicional para representar a capital federal e as iniciais "E.U. do" (Estados Unidos do Brasil). A mudança de regime político afetou o controle de qualidade destas emissões, que foi insatisfatório. Consequentemente, a Casa da Moeda utilizou diversos tipos de tintas e papéis, resultando em uma emissão com muitas nuances e variedades.

Sobre o álbum:

Elaborado pelo colecionador João Sanches e disponibilizado gratuitamente na internet para aqueles que desejarem organizar dessa forma a sua coleção. Agradecimentos especiais a Sérgio Laux (*O autor de fato de todo esse estudo*), Itamar Bopp, Horst Flatau, Dorvelino Guatemossim, U. S. de Jesus, Belarmino Pinheiro, F. Ronna, S. A. Rose, Mário de Sanctis, Roberto Thut, Luiz Reinaldo Fleury Curado, José Baffe, RHM, José Luiz Fevereiro, Beto Asseff, Roberto Aniche, Cláudio Neumann, Roberto Mollo, Remígio de Bellido, Gilberto Tenor e a todos os filatelistas pioneiros nesse estudo.

Esse trabalho não tem fins lucrativos e é sujeito a erros e críticas, estando seu desenvolvedor disponível para sugestões e orientações.

Foi utilizado o seguinte livro para orientação no desenvolvimento desse álbum:

- **Brasil 1890: "Cruzeiro do Sul"**, Sérgio Laux, 1983.

Disponível gratuitamente no seguinte site:

FILABRAS - <https://filabras.org/>

Outras Fontes de Consulta:

- Catálogo Antunes, Especializado: 1983
- Catálogo RHM 2019
- Coleção Particular
- Cruzeiro do Sul, Vista do Céu e em Nossas Mãos, artigo de Gilberto Fernando Tenor
- Estampilhas Fiscais – O Imposto do Selo no Brasil – República: 1890 – 2002, de Luiz Reinaldo Fleury Curado
- Vade Mecum da Filatelia 2ª edição, de Cristian Molina

Sites:

- Beto Asseff Leilões <https://www.betoasseff.com.br/>
- BH Filatelia e Numismática <https://leiloes.filatelicaibh.com.br/>
- Colégio da Numismática <https://colecaosfm.wordpress.com/2019/04/18/o-cruzeiro-do-sul-nas-moedas/>
- Filatélica Fevereiro <https://www.filatelicafevereiro.com.br/>
- Filatélica Junges <https://www.filatelicajungesleiloes.com.br/>
- Leilões BR <https://leiloesbr.com.br/>
- Loja de Selos <https://www.lojadeselos.com.br/>
- O Selo <https://www.oselo.com.br/> e <https://www.oselo.com.br/publicacao/artigo-06-cruzeiro-do-sul-o-selo-de-100-reis/>
- Roberto Aniche Filatelia <https://robertoaniche.com.br/>



FILATELISTA
JOÃO
SANCHES